

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



CRISTO NO CALVÁRIO
Ayuntamiento de Madrid



A sr.^a D. Maria Natália Nunes da Silva Sanches e o sr. Alberto Pereira Jardim, à saída da igreja paroquial de S. Mamede, por ocasião do seu casamento

FESTA DE HOMENAGEM

Constituiu um verdadeiro acontecimento mundano a elegante récita que, na noite de 23 de Março último, se realizou no teatro da Trindade, em homenagem da empresa Lucília Simões-Erico Braga, aos seus cronistas mundanos e nossos presados colegas na imprensa sr. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, o primeiro dos quais redactor desta secção.

Representou-se a lindíssima e fina peça «Marquês de Villemer», que deixou na selecta assistência que enchia por completo a vasta sala uma óptima impressão, completando o espectáculo um acto em que tomaram parte gentilmente os ilustres artistas sr.^a D. Palmira Bastos, cantando magistralmente o «Amanhã», letra da ilustre poetisa sr.^a D. Branca de Gonta Colaço, com música do inspirado compositor sr. dr. José Augusto Coutinho de Oliveira, que amavelmente se prestou a fazer o acompanhamento ao piano; e os srs. Alexandre de Azevedo, que deliciou a assistência fazendo-se ouvir, também acompanhado a piano, em várias canções populares portuguesas, e Erico Braga, com acompanhamento de sexteto, em uma lindíssima canção brasileira, recebendo todos os insignes artistas frenéticos aplausos.

CONCERTO ELEGANTE

Realizou-se na elegante residência da ilustre professora sr.^a D. Candida Cilia, na tarde de domingo último, perante uma enorme e selecta concorrência, um sensacional concerto que deixou em todos que a elle assistiram uma bela impressão pela maneira como foram interpretadas pela ilustre professora as várias obras dos mais cotados compositores, bem como pelas distintas amadoras, que receberam do auditório frenéticos aplausos, que se prolongaram por largo tempo.

A magnífica «matinée» de arte deixou em



EM BRAGA. — «A Princesa Amarelinha», que o poeta António Correia de Oliveira escreveu para a festa de caridade a que nos referimos no nosso último número

ALGUNS PERSONAGENS. — No plano superior: (A Princesa Amarelinha), D. Maria Sofia Marques de Azevedo e Moura e o Barão de São Lazaro (Trovador); no segundo plano, da esquerda para a direita: D. Maria Leopoldina Costa de Lago Fernandes (Cigana), D. Anelma Lobão de Macedo Chaves Mourão, D. Maria Adelaide Pinheiro Braga Cardoso, D. Maria dos Prazeres Gonçalves Cabral, D. Aurora Lobão de Macedo Chaves Mourão (Damas de honra); Armando José Viana Dias Pereira (Pagem); D. Maria Delfina Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso e D. Maria de Lourdes Abranches de Lemos e Menezes (Damas de honra); no primeiro plano: sentada no chão, D. Maria das Neves de Araújo Afonso (Bruxa); deitado, dr. Domingos de Araújo Afonso (Pagem), e sentadas, D. Tereza de Araújo Afonso e D. Georgina Peixoto de Almeida (Camareiras).

VIDA ELEGANTE

todos que a ela tiveram o prazer de assistir uma grata recordação, não só pelo esplêndido programa como também pela forma como foi executado.

Antes de terminar estas linhas não podemos deixar de felicitar a ilustre professora sr.^a D. Candida Cilia pela deliciosa tarde de arte que nos proporcionou.

CASAMENTOS

Realizou-se na paroquial igreja de S. Lourenço, o casamento da sr.^a D. Judith Eugénia da Costa com o sr. José Lourenço Franco de Matos Sequeira, filho da sr.^a D. Beatriz Cordeiro de Oliveira Matos Sequeira e do sr. Gustavo de Matos Sequeira, nosso presado colega na imprensa, brilhante dramaturgo e sub-director da Alfandega de Lisboa.



A sr.^a D. Maria Manuela de Carvalho Bastos e o sr. Alfredo Simões Dias, à saída da igreja paroquial de S. Mamede, por ocasião do seu casamento

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Julia Soares Monteiro de Almeida e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Artur de Pina, irmão da noiva, e o pai do noivo. Celebrou o acto o prior da freguesia, reverendo Lourenço, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminado o acto religioso foi servido na elegante residência do irmão e padrinho da noiva um finíssimo lunch, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

— Na paroquial igreja de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.^a D. Olga Maria Natália da Silva Sanches, interessante filha da sr.^a D. Virginia Nunes da Silva Sanches e do



EM BRAGA. — «Figuras de Velasquez» (Evocação da Infância). Senhoras e cavalheiros que interpretaram a «Pavane pour une Infante défunte», de M. Ravel

No centro: D. Tereza de Araújo Afonso e dr. Domingos de Araújo Afonso (de joelhos); no primeiro plano, da esquerda para a direita: D. Maria Tereza Viana Palha, D. Maria Cândida de Sousa Palha, D. Maria Leopoldina Costa de Lago Fernandes, D. Maria Virginia de Carvalho Moreira de Matos; no segundo plano, da esquerda para a direita: Armando J. Viana Dias Pereira, Fernando Costa de Lago Vilça, D. Maria Noémia Costa de Lago Soares, Manuel M. Barbosa de L. Brandão Pereira, José Feio Soares de Azevedo, D. Cândida Gomes Moreira, Mario Mata de Macedo e António M. de Araújo Venancio

sr. Comendador Luís Gomes da Silva Sanches, já falecidos, com o sr. Alberto Pereira Jardim, filho da sr.^a D. Rosalina Candida da Trindade Sardinha Jardim e do sr. João Pereira Jardim.

Serviram de madrinhas a sr.^a Maria Manuela Nunes da Silva Sanches, irmã da noiva, e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. José da Sil-

simo lunch, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Na «corbeille» via-se grande numero de artísticas prendas.

NASCIMENTOS

No Monté Estoril, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Noémia Rodrigues Soleiro, esposa do sócio-gerente do Grande Hotel do Itália, sr. José Penha Soleiro.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Maria da Piedade Aboim Ascensão de Sande e Lemos, esposa do distinto tenente de engenharia sr. Manuel de Aboim Ascensão de Sande e Lemos, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, na sua casa de Guimarães, a sr.^a D. Maria dos Prazeres de Noronha Pereira Coutinho de Sousa da Silveira, esposa do sr. dr. Francisco de Sousa da Silveira (Viamonte).

Mãe e filho estão de perfeita saúde.



EM BRAGA. — Quadro animado «Figuras de Velasquez» (Evocação da Infância); o par central: D. Teresa de Araújo Afonso e dr. Domingos de Araújo Afonso

va Nunes Sanches, irmão da noiva, e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior Monsenhor Francisco Coelho, foi servido na residência dos noivos um finís-

ELEONORA AMZEL

A GRANDE PIANISTA POLACA DARÁ HOJE UM CONCERTO NO THEATRO GYMNASIO. — UM NOBILÍSSIMO GESTO DA ILUSTRE ARTISTA

Ampliando e rectificando a noticia que aqui demos do nobilíssimo gesto da grande pianista polaca Eleonora Amzel, sômos a informar as nossas queridas leitoras e assinantes de que na casa de instrumentos musicos Oliveira, Rossio, se constituiu um fundo especialmente destinado à compra dum piano a oferecer a um aluno do nosso Conservatório, mediante concurso a estabelecer. Para esse fundo a ilustre pianista polaca contribuirá com todo o produto liquido dum recital que hoje, domingo, 1 de Abril, vai dar no Teatro GYMNASIO.

É de crer que dado o acontecimento musical que representa sempre um concerto de piano da grande artista, e ainda o fim a que o produto desse concerto se destina, todos os amadores de musica encham por completo o teatro, contribuindo assim para secundar e aplaudir o gesto nobilíssimo e a arte maravilhosa da grande pianista polaca.



EM BRAGA. — Quadro animado «O Despertar dos Bonecos» — A Boneca: Marquesa de Sèvres — D. Maria Adelaide Pinheiro Braga Cardoso

ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”
CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS
28 — Chiado — 30

NOÇÕES UTEIS

COMO SE DEVE DORMIR

UM dos fenómenos físicos mais vulgares mas também mais misteriosos, é sem dúvida o sono. Com efeito, os sábios não conseguiram ainda concordar, nas suas variadas opiniões, acerca do estado moral e físico do ser humano enquanto está dormindo. Uns afirmam que esse estado é devido a diminuição da pressão do sangue no cérebro, que assim quebra o contacto nervoso entre os vários centros cerebrais; outros ainda, que o sono é um simples envenenamento resultante da fadiga dos vários órgãos do nosso corpo.

Se analisarmos a mecânica das acções que facilitam o sono, vemos que o indivíduo quando deseja provocar o adormecimento, limita-se a evitar, tanto quanto possível, todas as excitações exteriores, de maneira a perder completamente a consciência de tudo o que o rodeia.

Para mais facilmente obter esse fim, começa por se furtar à luz forte; em seguida, fechando cuidadosamente os olhos, procura igualmente evitar todo o ruído que possa focar a sua atenção.

Todos estes movimentos tem por simples objectivo o afastamento inconsciente do plano onde de ordinário essa pessoa «vive», facilitando assim o esquecimento do tempo e do espaço onde normalmente a sua existência decorre no estado de vigília.

As causas principais da dificuldade em conseguir dormir são, pois, as mesmas em obter esse afastamento, tais como a preocupação mental (idea fixa), as doenças de coração, o não funcionamento do aparelho digestivo, etc. Sempre que se trate de causas graves e várias noites tenham decorrido sem que a pessoa consiga dormir, torna-se absolutamente necessário o exame médico.

Para que se possa obter um repouso perfeito e o sono seja o mais reparador possível, é imprescindível que o quarto de dormir seja bastante arejado sem, todavia, ser frio ou húmido.

As pessoas que dormem em quartos hermeticamente fechados, nunca podem ser saudáveis e acordam sempre sem forças e mais fatigadas do que quando adormeceram. Uma das principais causas do «mau parecer» de inúmeras jovens e que tanto altera a sua beleza, é, sem dúvida, o hábito de dormir em quartos com uma péssima ventilação.

A cama deve igualmente ser colocada afastada da parede, e de preferência com colchão de arame.

É também necessário que as roupas de dormir sejam suficientemente amplas, para permitir toda a liberdade de movimentos e bastante largas principalmente no pescoço e no torax.

Vários investigadores dos fenómenos do sono afirmam que, se a cabeça do indivíduo estiver voltada para o norte, o sono é mais fácil e mais profundo.

No inverno deve-se evitar o peso de inúmeros cobertores, visto que alguns momentos depois de deitar, o calor naturalmente irradiado do corpo do indivíduo pode contribuir bem mais para o seu aquecimento do que muitos cobertores extras.

A altura da almofada e do travesseiro é uma questão de hábito pessoal. Fisiologicamente o sono será mais fácil se a almofada for bastante alta, porque assim a pressão do sangue na cabeça diminuirá certamente, mas este facto parece não estar perfeitamente demonstrado, visto que há pessoas que preferem até mesmo dormir sem almofada alguma.

Um dos processos para obter um sono verdadeiramente reparador de toda a fadiga mental e física, consiste em obedecer às seguintes regras:

Evitar toda a excitação mental, pelo menos durante uma hora antes de deitar.

Ler qualquer assunto leve e interessante depois de deitada durante dez minutos ou até sentir a aproximação do sono.

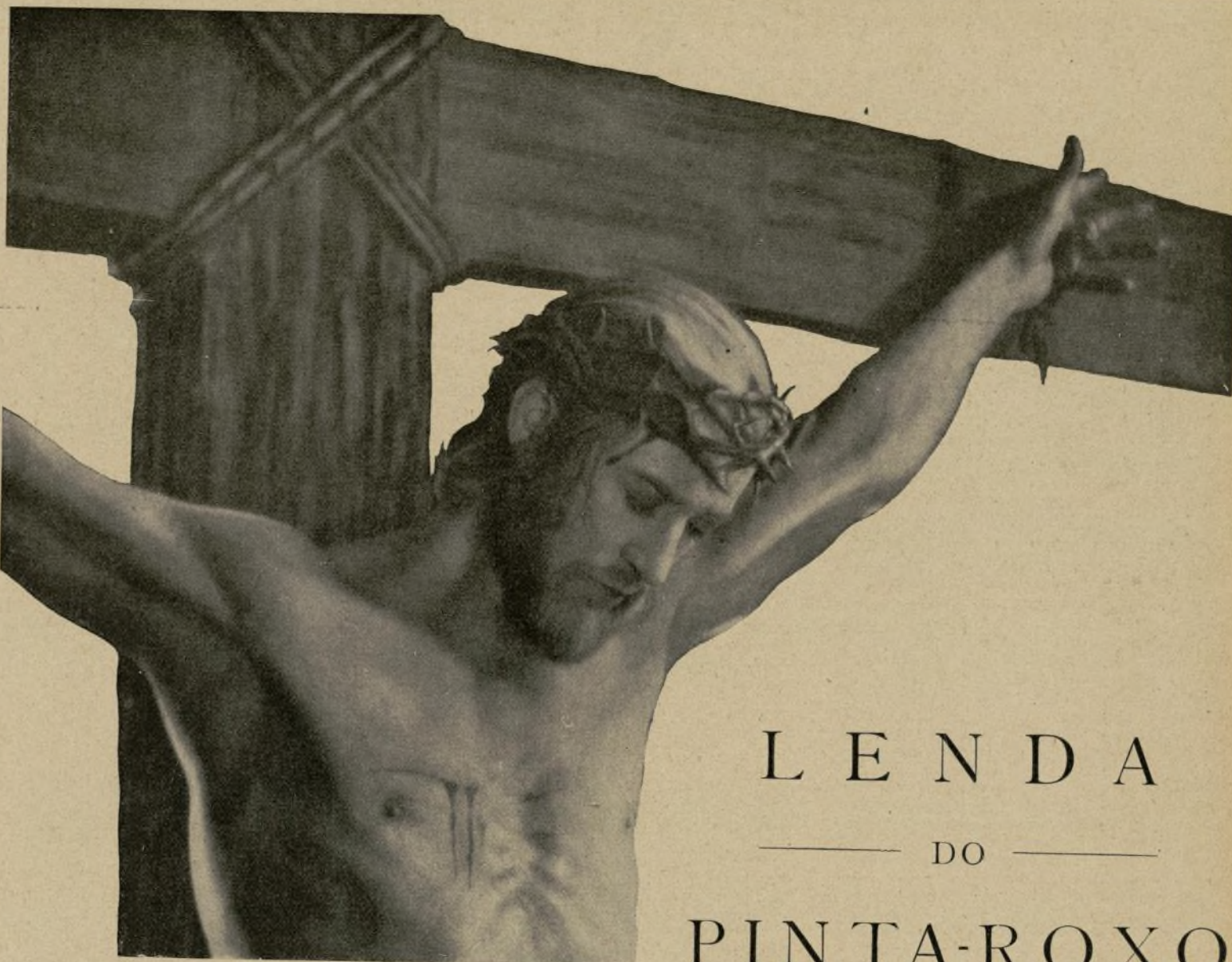
Comer pouco à noite mas também não se deitar com o estômago completamente vazio. Caca ou leite e torradas, constituem uma ceia excelente. Nunca se deve tomar chá forte ou café durante seis horas antes de recolher ao leito.

Deitar-se todos os dias a uma hora certa e, sendo possível, tomar um banho quente antes de se deitar, a fim de que mais facilmente se possa adormecer.

Depois de estar deitado, repousar sobre o lado direito e fazer com que toda a tensão muscular ou nervosa desapareça do nosso corpo, imaginando-nos mais pesados do que nunca.

Em seguida aguardar que o sono nos invada, procurando não forçar a sua chegada e escolher uma sequência de pensamentos sem interesse ou se a disciplina mental for absoluta, conservar a nossa imaginação completamente em «branco».

Tal é o segredo para evitar as maiores insónias.



L E N D A

DO

PINTA-ROXO

QUANDO no Eden Terreal as aves
O Criador lançou,
Dotou-as dos gorgeios mais suaves
E a todas esmaltou
A penugem de cor apropriada.
Isto feito, cuidou a cada qual
De pôr seu nome.

Num côro grandioso, triunfal,
Cantou a obra do Supremo Autor.

Um volátil, apenas ao louvor
Não se associa e silencioso fica.
Pelo Eterno Padre interpelado,
Cabisbaixo, enleado,
Assim se justifica:

— Porque razão, Senhor as minhas penas
Tu coloriste de cinzento apenas?
Nada têm de encarnado as minhas vestes:

São sombrias, agrestes
Da cor da arida pedra
Na qual nada vegeta, cresce e medra,
Que nem sequer erva ruim produz.
Dá-me, Senhor, uma nota brilhante
Uma mancha de luz,

Uma pena vermelha, scintilante.
O roxo é cor de sangue e eu dessa tinta
Em mim não vejo nem uma só pinta.

Ao despeitado passaro, que tem
Lugar honroso entre os que cantam bem,
Ao Pinta-Roxo, enfim, o Padre Eterno,
Com doçura na voz, pondo o olhar terno,
Deste modo acolheu:

— Tens cargas de razão. Sim, filho meu,
Um erro cometi ao dar-te um nome
Que justificação não tem... Passou-me...
Porem, descança, a pena desejada,
Tu mesmo — tarde ou cedo — a obterás;
Espera e Pinta-Roxo tu serás.

Triste, de aza tombada,
O Pinta-Roxo e a sua companheira,

O ninho vão fazer, duma roseira
Entre a verde folhagem,
Contando que, algum dia, forte aragem
Uma vermelha pétala desprenda
E o seu desejo atenda,
Colando-lh'a no peito...

Morreu sem ver tal sonho satisfeito.

Correm os tempos, anos aos milhões,
Sucedem-se, com eles, gerações
Do triste Pinta-Roxo descendentes,
Todos, como ele, crenças
Em que um dia terá
Cumprimento a promessa de Jehovah.

Assim raciocinando,
Um Pinta-roxo andava saltitando:
«Sempre os mesmos em tudo, tais e quais
Os nossos ancestrais...
Quando virá, sobre a plumagem parda
Que do sol e da neve nos resguarda,
Uma pena, sequer, brilhar alfin,
De vivo carmezim?»

De repente, repara numa cruz,
Que o poente vermelho enche de luz
E, ao cimo de escaldado e áspero monte,
Se destaca na curva do horizonte.
Em forte gritaria, de tropel,
Vê uma turba indômita, cruel,
Que um homem indefeso rodeava
E, ferindo-o, sem dó o arrastava
Para junto da Cruz.

Era o doce Rabbi, era Jesus
Que iam nela pregar.

Pelo terror movido e, de piedade
Sentindo o peito a arfar,
Pensou o Pinta-Roxo: «Se eu pudesse
Alivar-lhe um pouco o sofrimento?
Tentemos, não percamos um momento...
O meu dever é esse.»

E erguendo vôo, foi pousar, ligeiro,
No alto do madeiro,
Em que o filho de Deus
Tinham pregado os duros fariseus.
E diz-lhe, então, de manso, compungido,
O biquinho colando-lhe ao ouvido:

— «Senhor, sei muito bem que nada valho,
Que de talento vim ao mundo falho;
Mas sei também que, mesmo vil e fútil,
Nalguma coisa posso ser-vos útil.
Que vos hei de fazer? Diizei, Senhor!»

— «O que de ti careço, passarinho,
Póde deixar-me menos uma dôr:
É tirar-me da frente um duro espinho,
Que tanto mal me faz.
Sei que é débil teu bico...»

«Mas capaz
De arrancar, como ides ver, de pronto.
Com a melhor vontade e com Deus conto.»

E, ageitando o biquito,
Num impulso, tão forte quão expedito,
O espinho retirou
Da frente de Jesus, de onde jorrou
Um borbotão de sangue sobre o peito
Do Pinta-Roxo, que, radiante exclama:

«Posso agora morrer, pois, satisfeito
Vejo o que a minha casta aos céus reclama
Há séculos sem fim!
O Pinta-Roxo sou agora, oh! sim!
Realizado estava o vaticínio.

E nunca mais deixou de ser marcado
Com um toque sanguíneo
Do Pinta-Roxo o colo acinzentado.

(Inédito).

MACHADO CORREIA.

Todas as grandes casas de costura, de chapéus,
de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos.
E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos
o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Pegam prospectos.

V O G A

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

A PROPÓSITO DE LIVROS

A VARA LARGA, NOTAS DUM RIBATEJANO, POR MOTA CABRAL — ERA UMA VEZ UM AMOR... VERSUS POR ALICE OGANDO

ORA aqui têm a leitora um livro que pode afoitamente recomendar a seu marido! Subcreve-o o nome dum médico distintíssimo o qual, sendo um poeta de valor — já o grande António Ferreira era de opinião não fazerem mal as musas aos doutores! — é também, e principalmente, um bellissimo temperamento de prosador lusitano, cheio de máscula energia e de saúde. A *vara larga*, colecção de crónicas, artigos e impressões, serve do complemento a outro livro do mesmo escritor, há tempos publicado, e que constituiu um êxito autêntico: refiro-me a *Ao Sol*. E eu acho que todos deveriam ler as páginas duma e outras obras de Mota Cabral. Perpassa em ambas, faulhante de sol, espirrando sande e alegria, o Ribatejo; é prosa feita ao ar livre, fóra do ambiente morno e tedioso dos gabinetes onde calor e luz são artificiais e insalubres.

A terra das touradas é o assunto predileto deste ribatejano de alma saudável e forte, que ensina os portugueses a amarem o mais português de todos os espectáculos: o da corrida de touros. Dotado de reais qualidades de escritor e impulsionado por uma indomável sinceridade, o dr. Mota Cabral é o tipo do gentil-homem camponês que passa para a letra de fôrma as suas impressões de artista e de escritor apaixonado pela sua terra. E a sua prosa reveste-se assim de características inconfundíveis quer ele verse um assunto de história, a descrição colorida das pastagens e manadas de gado bravo, os episódios alacres das farras e tentas, ou as impressões várias e portuguesissimas que lhe inspira a sua bela e forte região...

A *vara larga* é um belo livro, cheio de alegria e de saúde. Lê-lo é furta-se a gente consoladoramente ao conspecto diário das misérias que por aí entristecem a vida de hoje. É um livro de esperança e de fé. Recomende-o a leitora a seu marido!...

A sr.^a D. Alice Ogando acaba de publicar um livrinho de versos que lêmos com prazer. Intitula-se ele: *Era uma vez um amor*... e está toda realizado em sonetos. Embora as leis da métrica sofram às vezes um pouquinho com o lirismo da autora, o certo é que o livrinho em referência se lê com um certo desvanecimento: nós julgávamos que, em matéria de sonetos de amor, já tudo estaria dito e afinal enganamo-nos porque os versos da sr.^a D. Alice Ogando ainda possuem o condão de nos fazer vibrar. Porque haja nêles novidades, acrobatisms, fechos de ouro e inícios de prata? Nada, não senhor! A técnica deste livro desconhece artifícios e vem toda inteirinha do coração: a auctora passou para o papel tudo quanto o seu amor lhe ia dizendo e, possuindo uma sensibilidade verdadeiramente feminina, conseguiu impressionar, muito embora o tema seja antigo e por demais explorado... Verdade seja que, esse tema, se é antigo, não deixou até hoje de ser belo — e é eterno!

E a sr.^a D. Alice Ogando, ao versá-lo, falou com o coração: está nisto o elogio deste livrinho, tão simples e despretencioso, repositório de confidências, — magnadas ou confiantes — que, não pretende fumos de glória e é mais uma voz de amorosa a contar-nos penas, alegrias e desilusões!

F. M.



SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

A impressão causada no público da capital pelo nosso último número, foi muito lisongeira para a *Voga*. Os números sensacionais do nosso programa, foram acolhidos não só com simpatia, como também com um entusiasmo vibrante.

A notícia de que o grande architecto Raul Lino vai ser um dos conferentes nas tardes *smarts* do *Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas*, encheu de curiosidade os meios literários e artísticos.

Mas de novos números dispomos, que constituirão novas surpresas, trazendo à nossa obra novos aplausos.

Oportunamente êles serão desvendados ao público. Desde já, porém, deixamos transparecer que, um dêles, será um admirável recital. Uma das nossas mais distintas cantoras e um dos nossos mais apreciados pianistas dignaram-se aceder ao convite que a *Voga* lhes fez, pondo-se inteiramente ao serviço de uma obra que, representando um admirável *tour de force*, vai constituir o mais brilhante espectáculo até hoje visto.

A Avenida da Liberdade, átrio solene do Palácio das Belas Artes, já tem as olaias em flor, sorrindo ao sol já quente.

É a natureza colaborando connosco, é a primavera alindando a vida, remoçando-a, para o espectáculo de maravilha em honra e louvor da mulher.

Abrem as flores e o céu já é de azul e ouro. Canta no ar e na terra o hino fresco e perfumado da Aleluia. Tudo sorri.

É a natureza colaborando connosco, é a primavera alindando de idílio, que o *Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas* abre e se oferece às mulheres como um cesto de flores.

Jardim de tentações e encantamentos, paraizo de caprichos e atavios, parque solene e maravilhoso de galas e perfumes, o Salão da *Voga* terá a beleza e a graça de um milagre de fadas e a doçura e a beleza de um conto quimérico.

Finalmente a mulher portuguesa encontrou quem a sirva com gentileza e com aqueles cuidado e desinteresse que são o timbre do bem servir.

Festival altamente feminino, todo em louvor e honra da mulher, representa a melhor e mais útil oferta que à mulher podia ser feita.

Visão de graça, sendo em honra e louvor da mulher, é para encanto de todos e para bem de muitos. O comércio encontrou na nossa iniciativa o seu melhor auxiliar, o seu mais dedicado colaborador, e as senhoras encontraram na nossa obra o mais útil dos servidores.

Para Lisboa, o *Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas* representa um triunfo europeu, uma conquista mais na grande e vibrante batalha pela civilização.

Para a *Voga* este Salão é um justo título de glória, pois significa que é ela quem, na vanguarda de todos os magazines femininos, abre alas ao progresso, e anima e desperta e impulsiona a obra admirável de rejuvenescimento e actualização que todos reclamavam e desejavam ardente e ansiosamente.

Os nossos números de Maio serão o desvendar de todo o maravilhoso programa. E em 15 de Maio, sagrado de sol, pleno de flores, cheio de linda graça feminina, o Palácio da Sociedade Nacional de Belas Artes, transfigurado de encanto, abrirá ao público as portas. E então começa o festival grandioso.

V O G A

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

B E L E Z A

As unhas, tendo a especial menção de proteger as extremidades dos dedos, são também um dos maiores atractivos da mão, quando bem cuidadas e polidas. Brilhantes e rosadas, cortadas em forma ovoide, elas são uma particularidade que atesta bem a elegancia da possuidora.

As unhas requerem muito cuidado, pois por mais linda que seja a mão, se as unhas são feias e desiguais ela perde toda a sua graça.

Quando se corta as unhas deve haver o máximo cuidado em as deixar na mesma proporção e não muito curtas, que seria deselegante, nem muito compridas, pois há a possibilidade de se partirem o que é desagradavel. As unhas compridas terminando em bico tornam os dedos afuselados e elegantes. Como uma linda cabeleira é um dos principais adornos para a cara, assim umas lindas unhas aformoseiam as extremidades dos dedos.

Há unhas muito frágeis e delicadas, que se quebram com muita facilidade, sendo oportuno, para as senhoras que tenham as unhas tão flexiveis, darmos uma fórmula que evitará esse transtorno:

Lanolina	10	gramas
Vaselina	10	"
Acido salicilico	2,5	"

Derretem-se estas substâncias em banho Maria e applica-se de noite antes de deitar uma untura com este preparado, o que endurecerá as unhas devidamente.

As manchas nas unhas são irritantes e aborrecidas. Quantas vezes não succede termos as unhas manchadas e não termos meio de as branquear por mais que se lavem?

Êis uma esplêndida receita que virá em nosso auxilio em ocasiões tão desesperantes:

Acido sulfurico	19	gramas
Tintura de mirra	9	"
Agua destilada	260	"

Deitam-se umas gotas deste preparado em cada unha e friccionam-se muito bem.

Agora que tratámos da maneira prática de arranjar as unhas, vamos tratar da parte bela e elegante: o brilho.

As unhas polidas, brilhantes, constituem uma nota de elegancia e preocupação, que vai bem a todas as senhoras.

São variadíssimas as fórmulas de pós e vernizes que existem para dar brilho, mas, para quem deseje mandar fazer a receita, damos nós este preparado, que dá um excelente brilho, tornando as unhas luminosas e espelheadas com um brilho perdurável.

Essência de violeta.....	3	gotas
--------------------------	---	-------

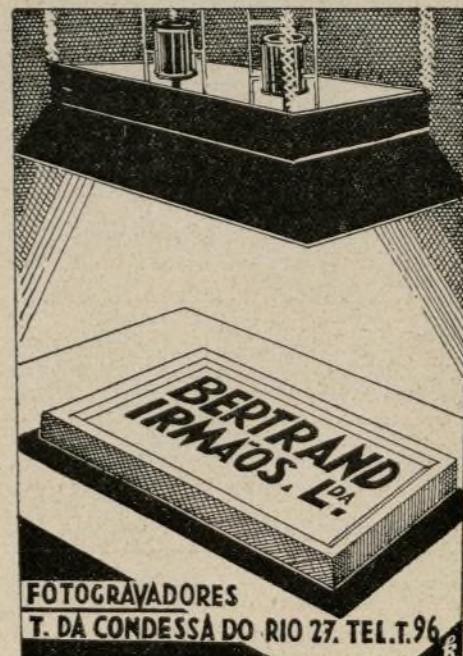
Pó de tabaco.....	2	gramas
Tintura de carmim.....	5	gotas
Acido borico pulverizado.....	5	gramas
Oxido de estanho em pó.....	9	"

Friccionam-se todas as manhãs as unhas com este preparado e com uma camurça muito fina.

As unhas tomam um intenso brilho natural e lindo.

Cada dedo ficará com uma grande opala luzidia, encanto de quem a possui e de quem a vê.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



AS MODAS EM

AS MALAS E A MODERNA ELEGANCIA FEMININA : : : : : NA : : : : :

VOGA

ATÉ AOS CÃES SE ESTENDE O IMPÉRIO DA MODA : : : : : DA ! : : : : :



fantasista, que se não nos deslumbra pelas suas luminosidades faiscantes como as pedrarias, não nos interessa menos pelo seu bom gosto e delicadeza.

As malas simples num só tom e avivadas numa cor mais escura, são muito discretas e sóbrias, tendo por isso a preferência de muitas senhoras distintas que amam a elegância requintadamente sóbria e sábiamente discreta.

A maior variante que de momento se fez nas malas, variante esta que tem entusiasmado as parisienses, é a aposição dos pequeninos relógios incrustados nos largos motivos de pedrarias que formam o fecho, e que dão à mala o aparatoso aspecto, distinto e elegante, de uma jóia rara, opulenta e artística.

A nossa gravura representa quatro lindas malas. Duas são a última palavra da moda com os seus minúsculos relógios, as outras duas, também muito interessantes e modernas, têm

Quantos segredos elas guardam! Desde a flor oferecida até às cartas de amor, tudo elas escondem em si, discreta e silenciosamente. Como uma áia, elas acompanham-nos sempre com a missão de nos embelezar em qualquer parte com o pó de arroz que trazem guardado e os demais objectos de «toilette». A mala é a nossa amiga mais sincera e discreta, a que recebe os mais reconditos segredos, sempre passiva e solícita. E, queridas leitoras, as vossas amigas de este ano são lindas e luxuosas e nelas guardareis os vossos segredos como num escriptorio artístico de pedrarias e aljófares.

*

Modas em Voga é um título que sugere a oportunidade de falar de todas as espécies de modas.

Falemos nos cães modernos.

publicamos do cão preto é muito curiosa. Caracteriza este a sua elegância e imponência. A cabeça muito alta e arredondada, ergue-se com sobranceira despótica, com um ar de desafio. Foi certamente o seu aspecto importante e altivo que atraiu a atenção, a preferência e a sua grande divulgação nos meios mundanos.

O cão cinzento, elegante e estranho, é também um dos exemplares afamados, de longos pelos hirsutos, orelhas guedelhudas e pendentes e uma engraçadíssima pèra que dá a este animal um aspecto sisudo e superior de deputado ou chefe de repartição.

Estes dois animais, tão exóticos e curiosos, pertencem ao Emir do Afeganistão, que os conserva como dois curiosos exemplares desta raça de animais, tão variada e interessante.

MADMOISELLE X.

flores e os outros motivos são muito mais miúdos que os das estações passadas.

Eis um vestido bem simples e prático. No corpo vários cortes debruados de claro fazem guarnição e o pano de lado é forrado de muselina lisa o que dá a este vestido uma linha elegantíssima.

As novidades de momento são as flores em «macrolaque», que estão muito em voga actualmente, para a ornamentação dos vasos grava-

É das lindas malas femininas, indispensáveis complementos da elegância, que vamos tratar.

São infinitos os géneros de malas que fazem a moda presente. Desde a cor ao fecho; desde a mais alta fantasia do material empregado às decorações mais brilhantes, tudo se vê e se usa. Principalmente os fechos das malas têm adquirido uns requintes de beleza na sua profusão de pedrarias, em vários tons e fechos, que tornam as malas verdadeiras jóias pelo seu gosto artístico.

A moda hoje facilita-nos a escolha destes tão necessários objectos dando-nos a variedade linda das malas escuras num só tom com lindos fechos em que as pedrarias, em irisações deslumbrantes e multicores, nos encantam os olhos. Há-as também em vários tons combinados e harmónicos que se misturam e entrelaçam, produzindo um lindo efeito decorativo e



CARTA DE PARIS

Éis que se aproxima a Semana Santa. Eu não conheço festas mais agradáveis e tristes do que estas. Elas são a paz, as flores e o sol. É o vigor renovado e a coragem para afrontar as exigências da vida. É esta época também para a mulher, a mais



apenas lindos motivos em «strass» e pedras policromas, recortadas em fechos vários, como losangos, rectângulos, ovais e triângulos, que se adaptam numa encantadora harmonia.

Pela nossa gravura todas as nossas leitoras vêem bem o caracter elegante e inédito que este género de enfeites dá às grandes e muito práticas malas modernas.

É uma destas malas que na próxima estação será a vossa companheira e a vossa confidente.

Também estes animais têm estado sujeitos ao voluntarioso capricho feminino. Sobre eles também a moda tem deixado cair a sua preferência escolhendo ora os aristocráticos galgos russos, elegantes e de longo pêlo, ora os feios e inestéticos «bull-dogs», sempre aborrecidos e zangados, ou ainda os cãesinhos guedelhudos e feios, com ar malcriado e ladino.

Os cães agora preferidos e amados são especialmente estranhos e feios. A gravura que

gos. Depois do longo inverno faz-se a apologia da natureza reconquistada com as suas flores policromas, a sua verdura luxuriante o sol que resplandesce como um hino à primavera.

Onde a vida começa intensamente é no campo de corridas de cavalos. Não é verdade que é lá que se observa interessantes coisas?

A paixão do jogo é bem terrível no homem, mas eu acho-a ainda mais nefasta na mulher. Não me dá razão?

Eu vou às corridas, particularmente, para respirar o ar, admirar a beleza dos cavalos e em terceiro lugar para contemplar as novidades inéditas da moda. No domingo havia uma escolhida colecção de «toilettes». Os conjuntos de meia estação nos tecidos de Rodier fizeram a sua aparição. Notei em um tecido de quadrados bege e branco guarnecido de «baguettes» azul marinho. O casaco era comprido mas ainda deixava ver 10 centímetros do vestido.

O chapéu em feltro bege tinha incrustações em azul.

Como estes dias tem feito bastante frio e

principalmente no domingo, as elegantes em vez de pôr vestidos de lã, vestiram muito simplesmente os seus vestidos novos e leves, sob os pesados casacos de peles.

Veem-se muito os tecidos lavrados mas as



dos em verde ou de fantasia. Bem, adeus: sinceras saudações da tua tia muito amiga

NUELMA.

agradável do ano, porque as festas e recepções mundanas terminaram. Vai-se para o campo passar alguns dias, rodeado de íntimos ami-

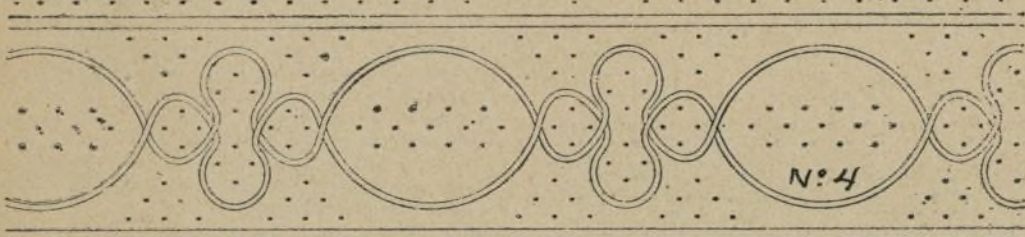
BORDADOS E RENDAS

RENDAS DE BILROS

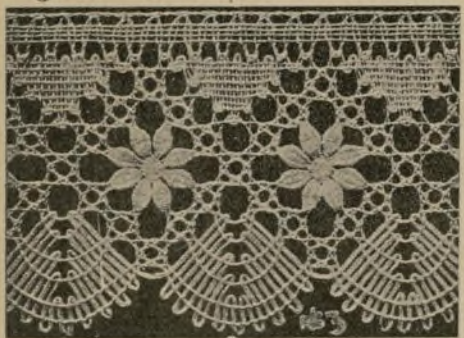
A leitora gosta das rendas de bilros? Já teve, decerto, o prazer de ter entre os dedos essas pequenas maravilhas que saem dos bilros incansáveis de Vila do Conde! Estas rendas são das produções do



gênero que as portuguesas, mais apreciam e que merecem o auxílio e o amor de todas nós.



Sendo um trabalho de difícil e demorada aprendizagem, é curioso constatar a sua enorme divulgação no nosso país, quer com caracte-



ter industrial, como no Norte, quer como «prenda» de educação.

É merecem bem, essas lindas rendas, o nosso interesse pois a sua trama enredada e subtil, é um verdadeiro sonho de graça e de leveza — a graça e leveza de que as rendas são símbolos.

Espuma inquieta que debrua as ondas, estalactites de neve, penas brancas de cisne e de ibis esbeltos, nos evocam essas encantadoras rendas, que mãos diligentes teceram entre alfinetes e sobre uma almofada cilíndrica.

Como é alegre e terno ouvir o som dos bilros entrecrocando-se, pequenino carrilhão cujo som se congela, como luar coalhado, nas rendas que se vão formando entre os dedinhos inquietos!

Essas rendas falam-nos à alma enternecidamente. Ao vê-las surge-nos ante os olhos, com o encanto duma evocação, uma noiva de cabelos loiros junto de uma janela onde assomam flores e perpassa a primavera. Ela trabalha mas, de quando em quando, assoma-lhe aos lábios um sorriso de saudade. É a imagem do noivo que lhe aparece no entrecruzar dos fios.

É aquela renda tem qualquer coisa do seu amor, do seu sonho. Aquela renda há de figurar um dia na sua casinha toda branca, a pequena casa ideal onde entrará em breve, comovida e alegre pelo braço do noivo ausente.

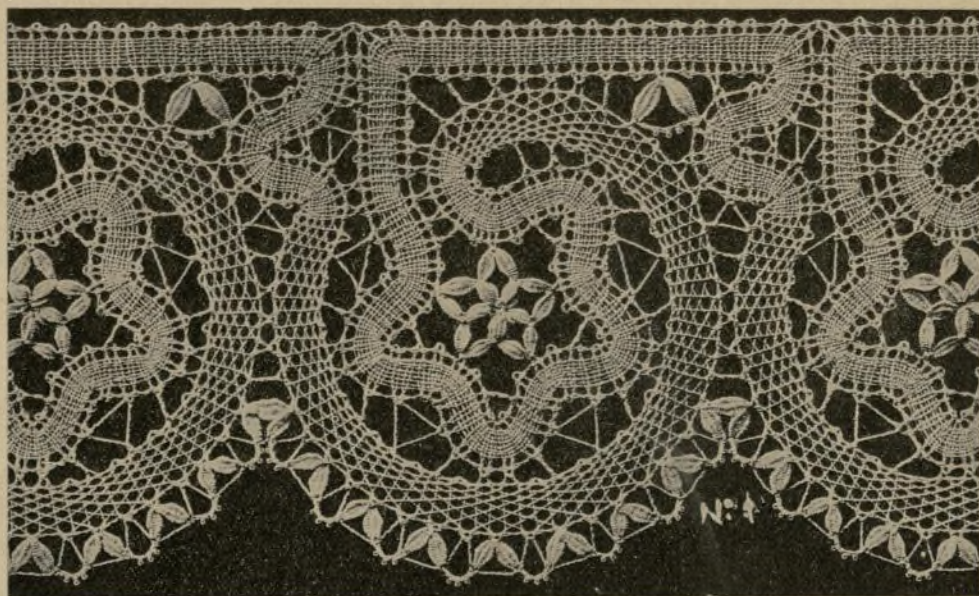
Como é bom então trabalhar nessa renda, cúmplice e terna confidente dessas horas de ternura!

Benditas rendas, benditos bilros!

Como eles nos fizeram agora, a mim e à leitora, sonhar um bocadinho a exemplo da jovem noiva de cabelos loiros!

É que nestas rendas há Arte. Entre as flores, as folhas, o cruzado das linhas da sua trama, vai presa muita da nossa sensibilidade, da nossa emoção.

Infelizmente não se pode, por meras indicações escritas, aprender a renda de bilros. As dificuldades são bastantes para só se conseguir



aprender depois de muitas tentativas e lições. Por isso estes modelos que aqui publicamos vão interessar principalmente às leitoras já conhecedoras do gênero.

Voga quer manter a todo o custo a hegemonia do bom gosto feminino, que conseguiu conquistar no nosso país. Quer arquivar nas suas colunas o que há de melhor e mais completo em todos os assuntos que interessam a mulher portuguesa.

Hoje vem trazer para as colecionadoras de «piques» o que há de melhor no gênero, do mais belo que se tem criado.

O n.º 1 é um lindo canto para toalha de mesa. Tem esta renda um desenho muito caprichoso e original, em que vários pontos se conjugam e enredam, originando um conjunto muito delicado e harmonioso.

O n.º 2 é um entremeio prático e resistente mas onde o gênero da renda traçou o seu carácter distinto e gracioso.

A renda n.º 3 é um verdadeiro primor. Graci-

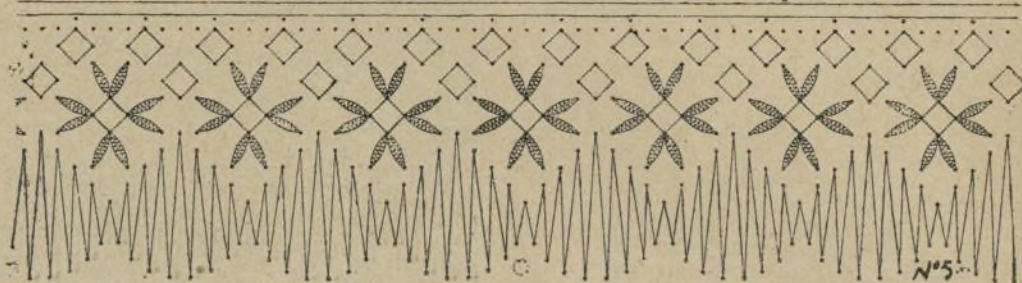
Este entremeio n.º 4 é menos artístico que qualquer dos outros modelos mas com a agradável variante de ter o motivo central contornado com um fio muito grosso o que lhe dá um grande relevo e embeleza o seu conjunto simples mas gracioso.

Falta-nos falar sómente do n.º 5 linda renda de suaves transparências e dum encanto subtil.

Uma «parure» branca, em seda ou «opale», enfeitada com esta renda, e, completando-lhe o conjunto tão distinto, pequeninas aplicações que deverão ter como motivo principal a mesma flor da renda, será uma maravilha de candura e gracilidade e a qual todas as leitoras, que trabalham em rendas de bilros, poderão obter com facilidade e alegria.

Qualquer das rendas aqui publicadas pode ser feita em linha de linho, desejando-as mais grossas; ou em linha brilhante, muito delgada, se se quiser as rendas muito finas.

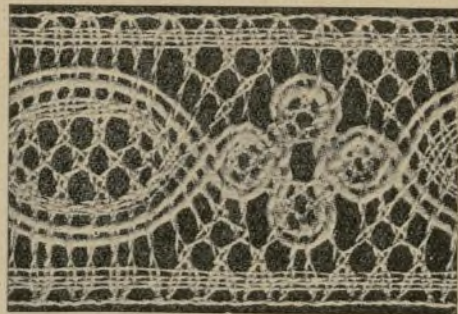
Com os mesmos números que estão marca-



lidade, finura e originalidade, tudo ela renne. Em qualquer trabalho em que seja pregada, ela o fará realçar com maior beleza e brilho.

das as rendas vão também os «piques» para maior facilidade na sua identificação.

Aqui lhes fica queridas leitoras, modelos próprios para qualquer gênero de trabalhos mais delicados ou mais práticos tendo sómen-



te a dificuldade da escolha. Dificuldade, neste caso de certa maneira grande, pois sendo todos tão belas, haverá matéria para hesitações...

BERENICE.



VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER, é a

única revista portuguesa do gênero que recebe directamente de Paris e das grandes capitais da Europa larga reportagem fotográfica de modelos para vestuário feminino, para o que tem contractos especiais com os maiores costureiros e fotografos, tanto da Cidade Luz como das outras capitais europeias.

Leiam e assinem a Voga.

O INFELIZ
NOIVO DE AURÉLIA

POR MARK TWAIN

Os factos constantes da seguinte narrativa chegaram ao meu conhecimento por intermédio de uma carta, a qual me foi dirigida por uma menina que vive na bela cidade de S. José; a correspondente é para mim completamente desconhecida, e assina simplesmente «Aurelia Maria» o que pode ser muito bem um nome fictício. Mas não importa; a pobre menina quasi que tem o coração despedaçado com os infortúnios que lhe tem sucedido e encontra-se tão embaraçada no meio dos conselhos contraditórios de mal avisados amigos e de inimigos insidiosos que já não sabe para onde se ha-de voltar, afim de se ver livre da teia de dificuldades em que parece irremediavelmente envolvida. Nêsse dilema apela para o meu socorro, e implora o meu auxilio e o meu conselho com tão persuasiva eloquência que seria capaz de abalar o coração de uma estátua. Ouçam a sua triste história:

Diz ella que quando tinha dezesseis anos encontrou e amou, com todo o fervor de uma natureza apaixonada, um rapaz de New-Jersey, chamado «Williamson Breckinridge Caruthers» o qual era seis annos mais velho. Prometeram casamento, muito a gosto dos seus amigos e parentes, e durante algum tempo tudo correu como se a vida de ambos estivesse destinada a ter por característico uma immundade de pesares, que não é o quinhão habitual da humanidade. Mas desandou por fim a roda da fortuna; o moço Caruthers foi inficcionado por um ataque de beixiga da espécie mais virulenta e, quando se restabeleceu da sua enfermidade, tinha a cara crivada de sinais e covas que nem um ralador, e a beleza natural havia-lhe desaparecido para sempre. Amelia pensou em retirar a sua palavra, no primeiro momento; mas a compaixão pelo seu infeliz namorado determinou-a a adiar por algum tempo o dia do casamento e a conceder-lhe occasião para outra experiência.

Mesmo na vespera do dia do noivado, Breckinridge, tendo-se absorvido a contemplar a marcha de um balão e seguindo distraído na direcção dêste, foi cair dentro de um poço, e partiu uma perna, a qual teve de lhe ser cortada por cima do joelho. Outra vez Aurelia esteve vai não vai para quebrar os seus compromissos; mas de novo triunfou o amor, e ella transferiu o dia do enlace para mais tarde, dando-lhe outra probabilidade de se corrigir.

De novo, porém, o infortunio caiu sobre o infeliz moço. Perdeu um braço pela descarga prematura de uma espingarda, e, no espaço de três mezes, ficou sem o outro, arrancado por uma máquina de cardar.

O coração de Aurelia difficilmente resistiu a estas ultimas calamidades. Não podia deixar de se sentir profundamente afflita ao vêr o seu namorado fugir-lhe assim aos bocados, sentindo, como sentia, que elle não poderia durar sempre debaixo daquelle desastroso processo de redução, e sem conhecer nenhum modo de o fazer parar em tão horrivel carreira; no seu lacrimoso desespero quasi que lastimou, como os jogadores de bolsa que teimam e perdem, não ter casado com elle logo à primeira, antes de o vêr passar por tão assustadora depreciação. Ainda desta vez o seu forte coração a animou, e resolveu-se a suportar por mais algum tempo as pouco naturais disposições do seu noivo.

Novamente se aproximou o dia do noivado, e de novo foi assombreado pelo desamento. Caruthers caiu doente com uma erisipela e perdeu inteiramente o uso de um dos seus olhos.

Os amigos e parentes da noiva, considerando que esta havia já feito muito mais do que rasoaavelmente se lhe podia exigir, agora intervieram insistindo por que o casamento se desmanchasse; mas, depois de hesitar um momento, Aurelia, com uma generosidade que lhe dá muita honra, disse que tinha reflectido com toda a serenidade sobre a questão, e que não podia descobrir em que é que Breckinridge fôsse digno de censura.

Por consequente prorogou o prazo mais uma vez, e elle partiu a outra perna.

Foi um terrivel dia para a pobre menina aquêle em que viu os cirurgiões conduzindo reverentemente para fóra o sacco cujo uso já ella conhecia por experiência prévia, e o coração adivinhou-lhe a amarga verdade de que mais algum bocado do seu noivo se tinha perdido. Sentia que o campo das suas afeições se tornava mais e mais circunscrito cada dia; mas ainda mais uma vez se opôs aos seus parentes e renovou as promessas do casamento.

Pouco antes de findar o prazo marcado para as nupcias, novo desastre succedeu. No ano passado apenas um homem foi esculpado pelos índios das margens do rio Owen. Esse homem foi Williamson Breckinridge Caruthers de New-Jersey. Regressava alvoroçadamente a sua casa com o coração trasbordando de felicidade, quando perdeu o couro cabeludo e o seu cabelo para sempre; e, naquella hora de amargura, quasi que amaldiçoou o engano misericordioso que lhe poupou a cabeça.

Agora Aurelia está seriamente perplexa sobre o que tem a fazer. Ainda ama o seu Breckinridge — assim o confessa, na sua carta, com verdadeiro sentimento feminino — ainda ama o que resta d'elle — mas os seus parentes opõem-se terminantemente ao enlace, por causa d'elle não ter nenhuns bens e estar impossibilitado de trabalhar, e dela não possuir meios suficientes para o sustento confortavel de ambos. «Agora,

CRÓNICA DA SEMANA
FRIOLEIRAS E BAGATELAS

Duas questões, duas importantes e inuteis questões, preocupam actualmente o feminismo francês, enchendo colunas e colunas dos jornais: a do serviço militar obrigatório em caso de guerra, e a da concessão do voto. Inuteis lhes chamei e não vejo necessidade de reconsiderar acerca do adjectivo empregado, embora me excomunguem as feisimas sufragistas do meu lindo país. Sou uma criatura pratica; as illusões de há muito morreram para mim e já não vou com duas cantigas. Assim, pois, as duas questões são inuteis e para outra coisa não servem senão para alvitreis risíveis e asneiras em cachão. Vejamos as razões em que me apoio para sustentar que, tanto o serviço militar feminino como a concessão do voto às mulheres, seriam duas tolices desmarcadas, senão duas fontes de zaragata e miséria!...

Principiemos pelo serviço militar. Supondo que os governos houvessem perdido ainda mais o juizo e ordenado a formação de batalhões de mulheres, em primeiro lugar eu não quereria estar na pele das que caíssem prisioneiras do inimigo... Bem, adiante! Vejamos agora o papel da mulher na guerra:

A grande maioria do sexo feminino tem uma alma cheia de sensibilidade e vive muito mais pelos nervos do que pelo espirito.

Como admitir pois, que uma filha d'Eva pudesse estar nas trincheiras, varando cabeças e corações com o matraquear infernal das metralhadoras; ou saltar o parapeito, numa carga de baioneta, contribuindo assim para aumentar o número dos orfãos e das viúvas? A mulher, que, quasi sempre, tem medo duma aranha, ou duma centopeia; a mulher que não pode ver sangue e chora por dá cá aquella palha, teria coragem para suportar um espectáculo que, durante a Grande Guerra, fez muita e muita vez empalidecer o sexo forte? Asneira, grossa asneira, leitoras minhas e minhas amigas!... Supondo porém que a mulher se afazia a semelhante pavor, sabem o que disso resultaria desde que ella, cumprido o serviço militar obrigatório, um dia voltasse ao lar? Isto simplesmente:

1.º — A casa tornar-se-ia a mais completa pocilga, com vários suínos: ella o marido e a filha-rada;

2.º — Perdidas as qualidades femininas, tarreia diária no marido, os trastes reduzidos a cisco e ambos os conjuges cada um com um banco pela cabeça abaixo. E a zaragata iria terminar diáriamente no mais próximo posto de socorros, com grande despeza de pontos naturais;

3.º — Pelos hábitos dissolutos contraídos em campanha e no quartel, a protecção às mulheres e raparigas, ainda hoje uma coisa bastante precária, tornar-se-ia impossível de todo e as desventuradas filhas de Eva só lhes restaria a maior das misérias em que pode cair uma mulher!...

Meninas: é já tempo de ter juizo! A mulher não nasceu para certas folias em que os homens se metem!... O seu papel está milenariamente assinalado e o resto é asneira! E não haja mesmo sequer esperanças de que, dada uma guerra, a mulher possa ser recrutada para serviço militar: nenhum governo se atreveria a enviá-las para o campo de batalha porque, vinham abaixo o Carmo e a Trindade!... Se, mesmo sem as mulheres irem para lá, as mães e as esposas têm ódio de morte à guerra, —

o que hei-de fazer?» pergunta-me com lamentavel e ansiosa solicitude.

É uma questão delicada; porque envolve a felicidade da vida inteira de uma mulher e a de proximamente duas terças partes de um homem, e sinto que seria assumir uma responsabilidade excessivamente grande o apresentar neste caso mais do que uma mera sugestão. O que se havia de fazer para o concertar?

Se Aurelia pôde occorrer ás despezas precisas, forneça ella ao seu mutilado noivo braços e pernas de pau, um olho de vidro e um chinó e dê-lhe outro parecer: conceda-lhe noventa dias, sem prorrogação, e se nêsse meio tempo elle não der cabo de si, case com elle e sugêite-se às consequências. Não me parece, de nenhum modo, Aurelia, que nisso corra um grande risco, porque se elle persistir na sua infernal propensão de se danificar a si mesmo todas as vezes que se lhe offerecer oportunidade bôa, a sua primeira experiência depois disto deve ser de ordem a acabá-lo, e então, como bem sabe, estará casada ou solteira. Se estiver casada, as pernas de pau e outras análogos valores que elle possa ter, revertam para a viúva, e já vê que não sofre nenhuma perda actual senão a de um querido fragmento de um nobre mas muito infeliz marido que procurou seguir o seu caminho, mas cujos extraordinarios instinctos lhe foram sempre contrários. Experimente, Maria! Estudei todo este assunto cuidadosamente e bem, e é esta a unica safda bôa que para si vejo. Teria sido uma feliz ideia da parte de Caruthers a de bater com a espinha no meio do chão e ser isso o que quebrasse primeiro; mas uma vez que elle se julgou capaz

que balburdia infernal, que fonte de sedições, revoltas e desgraças, não resultariam do serviço militar feminino, santo Deus!

Meninas feministas e pretensamente emancipadas: juizo nessa cabecinha!...

Vejamos agora o voto feminino. Asneira grossa, completa inutilidade! Primeiro que tudo, as mulheres não sabem nada de politica e, se embirram com o sr. António Maria é porque elle cortou a pêra; se sympathisaram com certo Presidente é porque elle era dotado dum autêntico poder de sedução. Assim é que está certo, leitoras! Supondo um lar composto de marido, mulher e filhas, a inutilidade do voto é manifesta: a mulher não está para arrelias e vai votar com a lista que o marido lhe der; as filhas idem, se o cadete dos seus sonhos se não se propuzer a deputado!... «Vossa excellência deveria ir votar no Cunha Leal, sr.ª D. Brígida! Está hêla a salvação dêste país», etc. etc. «Não quero cá sarilhos em casa» — seria a resposta: — «o meu homem é todo Afonso Costa!...» E prompto!... Mas, encarando agora a hipotese duma viúva, ou duma rapariga solteira e independente, a asneira e a inutilidade eram igualmente manifestas. Primeiro que tudo as mulheres votariam, não nos melhores, mas nos mais bonitos e, a seguir, nos que fossem ainda solteiros: as mulheres sabem lá agora o que é ser radical, afonsista, integralista ou partidário da Dictadura! O que ellas sabem, e muito bem, é se um candidato é apresentavel, ou tem mulher e cinco filhos!... Quando eu era ainda criança assisti com meu pai a uma festa na Escola Militar e à qual presidiu o então Rei D. Manuel II. Ah, Deus do céu!... O sr. D. Manuel de Bragança ia sendo devorado! E nunca me esquecerá um viva que lá soltou uma senhora, dos seus cincoenta e tantos bem puxados, e o qual foi aplaudido com delirio por todas as filhas de Eva ali presentes, solteiras casadas ou viúvas:

—Viva o sr. D. Manuel que é tão bonito!... Viva!...

E tudo por este teor... O falecido dr. Alexandre Braga, com uma aureola romântica a envolver-lhe a oratoria irresistivel e a tornar ainda mais formosa a sua formosa cabeça de tribuno, se vivesse e as mulheres tivessem voto nunca deixaria de ser eleito. O sr. D. Luís de Almeida Braga, se fosse solteiro levaria ao Parlamento o integralismo; o sr. Cunha Leal, apesar de casado e copiosamente dotado de fillos, tem um partido imenso entre as mulheres, — que não percebem nada do que elle diz, mas sympathisam imenso com elle... É uma advogada minha conhecida, ao falar-se, no outro dia, das reformas operadas na Justiça pelo sr. dr. Manuel Rodrigues Junior, acudiu logo, muito lampeira:

—E é também um moço muito apresentavel!...

Ora aqui têm as leitoras para que servira o voto às mulheres!...

Nas familias, a mulher e as filhas votavam com as listas fornecidas pelo chefe da casa; quanto às mulheres independentes, essas votariam com os olhos e o coração, tornando a junta de fréguesia numa sucursal de Cupido!...

Eu, por mim, votaria... que as mulheres tivessem juizo. A politica é para os homens. E os vestidos de Poiret para as mulheres!

ROSA TIRANA.

de seguir diversa tática e de se fazer render tanto quanto possível, não creio que estejamos no direito de o censurar, uma vez que nisso encontrou prazer. O que nos cumpre é tirar o melhor partido possível das circumstancias, e fazer a diligencia por não desesperar d'elle.

MIRTA

CADELA GENIAL E CALCULADORA

UMA das damas mais illustres na sociedade parisiense, possui como principal atractivo das suas reuniões mundanas em vez duma célebre politica, dum romancista em voga ou dum pianista genial — uma cadela.

Uma cadela que lê, soma e adivinha números. Mirta — assim se denomina o intelligentissimo animal — nunca se engana, possuindo uma infalibilidade superior à dos maiores matemáticos.

E o que celebra esta intelligentissima cadela, o que a coloca muito acima dos outros cães calculadores, e até do próprio Inaudi, é que ella não sabe lêr, nem somar, nem adivinhar números.

Mirta limita-se a olhar para a dona seguindo com attenção os seus movimentos. A mão direita levantada significa, 1; a esquerda, 2; e a direita passada diante dos olhos, 3. E os outros números obedecem a outros sinais da dona; sinais convencionais e tão vulgares que passam despercebidos aos seus convidados cuja perspicácia é muito atenuada pela admiração profunda que a intelligência da cadela lhes provoca...

PROBLEMA DE COMER

Boa Amiga:

IMPUZ-ME a difficil missão de te ir fornecendo por carta, noticia circunstanciada, minuciosa, dos acontecimentos de mais vulto que por esta Lisboa se fossem verificando. Creio, porém, que me falha a vocação para jornalista porque até hoje, creio não te ter dado uma única novidade de vulto.

A minha informação não deve, entretanto, fazer-te grande falta, porquanto os jornais que, dia a dia, recebes e que tu lês por alto, como é teu costume, bastar-te-hão para satisfazeres a tua ânsia de novidades.

O que mais te interessa que eu te diga, nestas cartas frivolas, nas quais não deixo entretanto de incluir um pouco de filosofia — porque, emfim, eu também, me dou ao luxo de, uma vez por outra, meditar na vida — o que mais te interessa nas minhas cartas, ia eu escrevendo, é a futilidade dos assuntos que me preocupam como aos ministros as graves questões nacionaes.

Mal avisada andaria eu se, tomando uma attitud circumspecta, iniciasse as minhas cartas desta forma:

«Minha excellentissima amiga: Escrevo-lhe num momento grave para a nacionalidade. As condições melindrosas, vexatorias, que na Sociedade das Nações nos queriam impôr para nos conceder o empréstimo, foram, felizmente, repetidas pela alma da nação...»

Ou se, a certa altura da minha carta, escrevesse:

«Minha senhora: O futuro de Portugal está nas colónias. O nossa provincia de Angola riquissima de minérios, abundante de flora e fauna valiosissimas, poderá vir a ser, se os portugueses meterem decididamente ombros à fatigante tarefa, um segundo Brasil.»

Ainda poderia dizer-te assim:

«A descida da divisa cambial, que implica a subida do preço da libra no nosso mercado, não é, como muita gente imagina, um sintoma alarmante. Uma boa politica administrativa e o patriótico esforço da familia portugueza, congradada no mesmo pensamento de regeneração, etc., etc., etc.»

Eu sei, boa Eugénia, que estes assuntos não te agradam. Não estimarias, decerto, ler nas minhas cartas tão doutas e sábias theorias. Mas em compensação toda te delicias quando eu te revelo alvoroçadamente:

«Eugénia, as mulheres vão finalmente usar calças compridas como os homens.»

Ou se, em maré de confidências, te digo:

«O meu ultimo «flirt» foi delicioso. Era um rapaz alto, louro e simpático...»

Hoje, porém, não te quero escrever nem sobre «flirts», nem sobre modas. Limíto-me apenas a comunicar-te que fui ontem a Sintra. Achas natural? Pois eu não, pelo contrario: acho extraordinário. Ir a Sintra com tempo de chuva e frio é audácia que só os ingleses cometem. Não descansei enquanto não regresssei a Lisboa, à minha amada Lisboa.

A chuva faz de Sintra um local sombrio, tristonho, melancólico. Tive vontade de chorar. Uma grande amargura, uma angústia insofrida invadiram a minha alma de romântica impenitente. O papá é que foi da idea e, ante a minha consternação, mostrou-se sinceramente arrependido.

Regressámos a Lisboa depois do sol posto. Para me alegrar, o papá decidiu que jantássemos fóra. Fomos ao Hotel Bela Vista, em São Pedro de Alcantara, uma casa elegante que abriu há pouco tempo. A decoração alegre da sala, a musica suave do quarteto emprestaram-me um pouco de alegria.

A refeição decorreu num ambiente mais grato ao meu espirito e a súbita aparição de Henrique, o meu primo, fez-me esquecer as tristezas de Sintra. Jantamos deliciosamente e a alegria começou a voltar ao meu espirito.

E mais alegre me senti — é agora que cabe dizer-te a novidade de mais vulto — quando Henrique me segredou que ia pedir a minha mão a meus pais.

É curioso como uma novidade tão simples, tão banal, pode fazer com que os nossos olhos comecem a ver tudo diferente, o coração a sentir de maneira diversa.

Tudo o que momentos antes me parecera aborrecido, enfadonho, assumiu uma face alegre, de uma alegria discreta e bemfazeja.

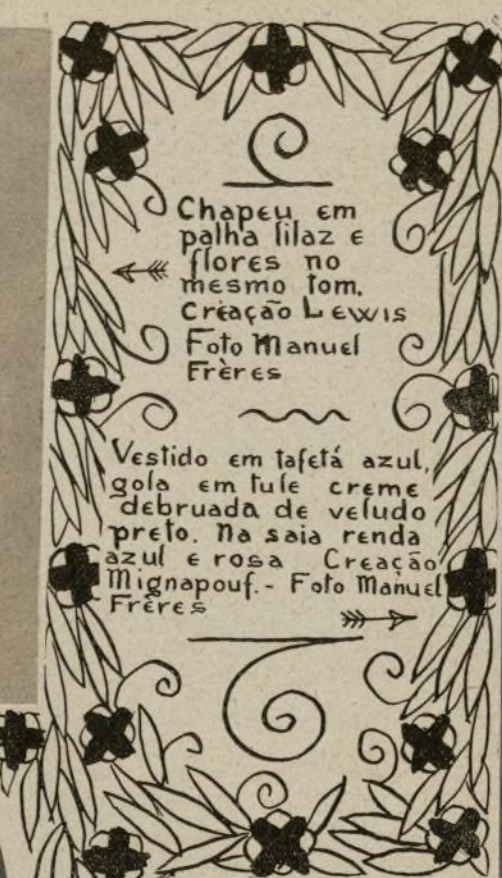
E Sintra, que nessa tarde me parecera horrivelmente feia, voltou a ser a vila ideal, propicia aos idilios amorosos, às confissões brandas das almas irmãs. Se casar, boa Eugénia, é para Sintra que vou passar a lua de mel, mesmo que os dias sejam soturnos, mesmo que a chuva ensombre a luminosidade do sol.

Tua amiga de sempre

GRAZIELA.

O QUE NÓS PRETENDEMOS

VOGA Não pretende ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.



Chapéu em palha lilaz e flores no mesmo tom. Creação Lewis. Foto Manuel Frères

Vestido em tafetá azul, gola em tule creme debruada de veludo preto. Na saia renda azul e rosa. Creação Mignapouf. Foto Manuel Frères



Chapéu em palha creme, enfeitado a fitas de vari- os tons. Crea- ção Cora Mar- son. Foto Manuel Frères

Vestido em lã e seda verde-água, com molivos brancos bordados a preto e dourado. Creação Mignapouf. Foto Manuel Frères



Chapéu em palha bege e fita "gros grain" azul marinho. Creação Marcel le Roze. Foto Henri Manuel

Vestido em crepe do China rosa pálido e barras "cerise". Creação Fairyland. Foto Henri Manuel



Chapéu em palha preta elaç- das de fitas no mesmo tom. Creação Felix. Foto Henri Manuel

Conjunto em fazenda bege e fazenda escocesa em preto e bege. Creação Maryvon. Foto Henri Manuel



Vestido em crepe verde e crepe da China champa- gne. Creação Maryvon. Foto Henri Manuel



Chapéu em fel- tro preto, fita em selim no mesmo tom. Creação Berthe Mény. Foto Henri Manuel

Chapéu em feltro cinzento, prateado com vizes em se- lim no mesmo tom. Creação Le Monnier. Foto Manuel Frères



Vestido de crepe selim e crepe da China preto com bordados multicolor. Creação Riva. Foto Henri Manuel



Vestido de jantar em musselina de seda e rendas pretas, flor vermelha. Creação Lucieu Leloug

Vestido em organdi branco com molivos de galão azul. Creação Fairyland. Foto Henri Manuel



Vestido em mus- selina ver- de recorta- do em péla- las. Creação Moroto Miller. Foto Henri Manuel

Feltro cinzento enfeitado com um molivo de nácar. Creação Cora Marson. Foto Manuel Frères



Chapéu em palha verme- lho com um entranchado de fita verme- lha, rosa, azul e oiro. Creação Cora Marson. Foto Manuel Frères



CONVERSAS MÉDICAS A MULHER MODERNA

JOGOS

VISTA POR UMA AVÓSINHA MUITO RABUGENTA

uma causa profunda, como em tudo que se reproduz constantemente, que deve chamar a atenção das mães de família assim como daquêles que estão encarregados da educação e instrução das crianças. Se elas correm e gritam é porque lhes é necessário fazê-lo; é que elas buscam inconscientemente no exercício das pernas e expansão dos pulmões uma certa compensação da imobilidade e silêncio a que foram obrigadas durante as horas de classe, imobilidade e silêncio que não estão na sua natureza, e que só se consegue obter constrengendo-as.

É certo que este constrengimento é tão indispensável como o exercício. As condições da vida civilizada impõem-nos longos anos de estudo, e ou seja para aprender a ler e escrever, ou para aprender um instrumento de música, só se consegue por meio de pacientes esforços. Portanto, é necessário sofrer o constrengimento das horas de estudo, violentando o instinto natural da criança que a levaria a fazer qualquer coisa menos escrever ditados ou tocar escalas; numa palavra: é preciso instruí-la, quer os conhecimentos adquiridos lhe sirvam mais tarde para ganhar o pão quotidiano, quer se trate apenas de lhes dar uns conhecimentos gerais, «des clartés de tout», como dizia Molière, conhecimentos indispensáveis para bem ocupar o seu lugar na sociedade, acompanhando o movimento das ideias.

A necessidade dos movimentos destinados a combater a influência prejudicial que a imobilidade e a demora mais ou menos prolongada em salas fechadas, teem sobre o sangue e sobre os nervos, impõe-se igualmente na educação das meninas.

Os exercícios físicos são indispensáveis ao bom desenvolvimento delas e é necessário que as mães bem se convençam da sua importância.

Todos os exercícios não são igualmente bons para alcançar o fim desejado — há mesmo al-

guns verdadeiramente maus e que devem ser banidos de todo — mas o instinto das crianças, quasi completamente descobriu o que lhes convém; os seus jogos, um pouco modificados às vezes e sempre sujeitos a uma vigilância inteligente, são uma gymnastica admirável com mais liberdade, e satisfazem para elas uma dupla e imperiosa necessidade de exercício e de prazer. Deixemo-las então brincar, mas ao ar livre, e em espaços o mais extensos possível; que elas respirem a plenos pulmões esse precioso alimento gasoso, este pão da vida, este oxigénio, sem o qual a nossa terra não seria mais que um globo morto; deixemo-las cantar, deixemo-las correr, porque as aptidões da criança estão absolutamente de acordo com as suas necessidades. Existe na criança uma imunidade particular contra a sufocação produzida pelo excesso de corridas; ao contrário do adulto a criança pode correr muito e por muito tempo; está especialmente apta a todos os exercícios de velocidade, mas suporta mal os esforços musculares, lentos e prolongados, que constituem os exercícios de fundo.

Assim reparem nas crianças depois de uma longa tarde de férias, muitas horas de corridas, de saltos, pouco importa o nome do jogo que as ocupou, depois de uma exuberante perda de vitalidade: que sa coração das faces, que apetite e que sono!

O exercício activou-lhes todas as funções, aumentou a circulação do sangue, deu um impulso salutar à nutrição que no seu conjunto se tornou mais perfeita, e este resultado obteve-se porque um grande número senão a totalidade dos músculos da economia foram postos em acção, e no entanto cada um deles fez um esforço moderado que é o ideal a atingir.

Tratando da ginástica propriamente dita daremos mais amplos pormenores sobre as condições que um bom exercício físico deve reunir para as crianças e adolescentes; hoje limitamo-nos a chamar a atenção das mães simplesmente sobre este ponto: para que as crianças trabalhem bem, é preciso que brinquem bem; depois de algumas horas de estudos abstractos, é preciso, para descansar o cérebro incapaz de um esforço prolongado, um certo tempo em que só os músculos entrem em actividade.

Grande é portanto o erro dos pais que des-

conhecem esta lei e pensam poder submeter os seus filhos a uma cultura intelectual intensiva sem compensação, ou que lhes digam como já temos ouvido algumas vezes: «Ficaste mal no exame, trabalharás durante as férias sem saír».

Admitida a necessidade do jogo é preciso deixarmos as crianças entregues a si mesmas. Monsenhor Dupanloup, um grande educador, disse com muito critério «O jogo deve ser livre mas com vigilância».

A criança deve ter a ilusão da liberdade porque a alegria fugiria à menor suspeita de constrengimento, mas a mãe para os bebés e para as filhas, os mestres para os rapazi-nhos, não devem nunca abdicar e a melhor maneira de exercer a autoridade sem o mostrar, é fazer parte muito familiarmente do bando alegre contando os saltos à corda ou com os rapazi-nhos fazendo parte dos seus jogos para assim manter a ordem. Mas para isso quanto tacto é preciso, quantas gradações na grande arte de se fazer petiz sem comprometer a sua supremacia nem a fazer sentir! O único segredo está em amar as crianças, porque amá-las é compreendê-las, é penetrar a intimidade das suas sensações adivinhadas antes mesmo de terem sido presentidas, é inspirar-lhes confiança e poder assim dirigi-las sem os constrenger. O coração deve ser o grande motor da educação.

Infelizmente há professores embebidos de princípios diferentes e vê-se como o relata o dr. Fonsagrives, pensionatos «onde um batalhão de raparigas disciplinado à prussiana sob a direcção fria e compassada de vigilantes que não levantam os olhos do livro senão para pronunciar chamamentos à ordem que caem frios como geada e azedos como o vinagre. A alegria arrefecia nesta atmosfera e tudo ficava reduzido a passeios simétricos nos quais a língua ocupava, não sem inconveniente talvez, a agilidade que deveriam ter os outros músculos. Adeus atrativo e adeus saúde com um sistema destes.»

Mas perguntar-nos-hão de todos esses jogos que proclamais de absoluta necessidade qual é o melhor? Todos são bons, todos respondem a diversas indicações; mas o estudo deles pede alguns pormenores que farão o assunto da nossa primeira conversa.

8-11-927.

MARIA DE SOUSA.

A CEIA DO SENHOR



Um dos mais interessantes aspectos do filme «O Rei dos Reis»

NOTA DA REDACÇÃO:— Que as nossas gentis leitoras se dignem perdoar a má opinião acerca da «Mulher moderna» tão corajosamente expressa por esta anciã, verdadeira reliquia viva dos tempos de D. Miguel e das saias de balão...

Só conhecendo os nossos defeitos, poderemos procurar aperfeiçoar-nos. Assim, a Voga não receia dar publicidade às considerações, por vezes bem acerbas mas sempre sinceras, desta velhinha a quem religiosamente veneramos, num verdadeiro sentimento de respeito, traduzindo o perdão de todas as suas jovens leitoras que certamente desculpem de bom grado a sua rabugice em homenagem aos seus cabelos de prata que, há quâsi um século, foram louros, como o são hoje os de tantas nós.

TEM A PALAVRA A AVÓSINHA RABUGENTA:

A Mulher Moderna é um ser androgino cuja falsa beleza poderia ser incluída no número das mentiras mais convencionais da nossa civilização.

Quando as saias compridas como vassouras voltarem, os grandes chapéus de plumas monumentais com passarinhos embalsamados reaparecerem e os penteados complicados de oleosos bandos de arame, com a altura de cinco andares, tornarem a ornamentar as cabeças de todas as Mulheres Modernas, só então poderei dizer qual delas é verdadeiramente bela.

Se os droguistas encerrassem para sempre as suas portas e os operários das fábricas de produtos químicos se declarassem em greve perpétua, grande parte das Mulheres Modernas não poderia mais continuar ostentando a beleza radiante das suas faces rosadas, o fulgor dos seus olhos de pestanas perturbadoras, ou a curva artística dos seus lábios rubros como uma cereja.

Só assim a verdade acerca da formosura da Mulher Moderna, poderia admitir discreção.

Dizem os darwinistas que o homem descende do macaco e talvez antigamente fosse verdade.

Mas se é hoje a Mulher Moderna quem numa atitude indigna do seu sexo está imitando o homem: no tipo dos casacos, dos impermeáveis, dos chapéus, das camisolas, dos coletes, das gravatas, nos saltos dos sapatos, nos cigarros, nas boquilhas, no monóculo, na bengala, no corte do cabelo, etc., etc!...

Parece-me pois que se Darwin fosse vivo apressar-se-ia a trocar os sexos da quadrumanal descendência, a fim de que a sua teoria ficasse de pé!

Quando eu era nova, as meninas tomavam chá porque eram pequenas.

Algumas Mulheres Modernas (bem poucas felizmente) talvez porque então não tiveram quem lh'o fizesse beber, tomam-no hoje todos dias... às cinco horas.

Se a Mulher Moderna procura imitar o homem em tudo, invadindo-lhe as profissões, devo dizer-lhes que, em breve, desaparecerão os alfaiates para senhoras, os cabeleiros de senhoras, os médicos de senhoras e os escritores para senhoras, que serão substituídos por «modistas para homens», «barbeiros para homens», «médicas para homens».

As «escritoras para homens» limitar-se-ão a reeditar as obras já presentemente publicadas.

Tenho notado que a Mulher Moderna procura sobretudo mostrar-se um ser esfíngico.

É que a esfinge angusta e impassível, nunca chora e... as lágrimas tombando pelo rosto de uma Mulher Moderna seriam um dilúvio de tintas.

Nunca consegui descobrir por que motivo a Mulher Moderna reduziu ao mínimo o comprimento de três dos principais e maiores atributos da sua antiga elegância:

O comprimento das saias, o comprimento dos cabelos e... o comprimento das sombrinhas!

A Mulher Moderna tem uma qualidade: é sem dúvida o ser mais corajoso da Criação.

Porque é também o único que... não foge do homem!

Na vida conjugal de uma pequena minoria de Mulheres Modernas, o divórcio é o polícia sinaleiro que regula ou pára o trânsito pela Avenida do Casamento!

A Mulher Moderna é, pois, nos tempos que vão correndo, um ser muito complexo...

...Que um futuro mais ou menos próximo, reduzirá a um número incompleto.

Mas não esqueças, ó Mulher Moderna de hoje, que também um dia serás considerada como eu, Mulher Antiga de ontem, pelas outras Mulheres Modernas de amanhã.

CYBELLE.

O MAIS ALEGRE DOMINGO DE PASCOA

TURBULENTO desde a infância, só a muito custo seus pais conseguiram que ele acabasse o curso dos liceus. Ganhava invariavelmente um ano e perdia outro, pela sua pouca aplicação ao estudo e pelo seu péssimo comportamento moral, do qual conservavam partidas irreverentes contra os professores e numerosas questões derimidas a murro com os condiscipulos. Aos vinte e três anos, perante o espanto dos seus progenitores, declarou-lhes:

— Nasci com vida a mais. Preciso de dispersá-la pelo mundo. Depois, quando estiver mais cansado, regresso. Hei-de vir rico e com o juízo de que careço para constituir família e ser um português semelhante áqueles que percorrem diariamente o Chiado a posso de procissão, com ares de anjinhos, enfáticos e apatetados.

Seus pais não ousaram contrariá-lo. Sabiam de antemão que todos os seus rogos seriam inúteis. E, além disso, tinham a maior con-

«à la minute», mas a cores. Sabes como consigo tal maravilha? Por um «truc» acessível a qualquer pateta. As cores do retrato são aplicadas com os meus dedos previamente bezuntados. Vou para a América, pelo caminho mais longo.»

Durante dez anos, suas cartas chegavam, sempre espaçadas, sempre lacónicas. A seus pais não falava no regresso, a sua noiva não fazia a menor alusão ao casamento. Sem o menor transporte de ternura, sem uma única frase que exprimisse uma saídade, ainda que vaga sobre a família e os amigos, nunca respondendo de maneira categórica às insistentes perguntas sobre o seu regresso, acabou por dar a todos a impressão de que a América o guardaria para sempre. Foi, por isso, grande a surpresa quando ao cabo de doze anos, um telegrama vindo dos Açores anunciou sua vinda a Lisboa.

*

* *

— Não pude passar o Natal em Lisboa, como era meu desejo, devido a ter demorado a liquidação dos meus pequenos negócios na América. Os meus sócios — um deles era russo e o outro grego — muito velhacos, quizeram aproveitar a minha pressa em partir para me tentar ludibriar. Tive três questões: duas por lhes ter explicado com excelentes murros à Gene Tunney que estavam cometendo uma feia acção; e a outra por intermédio dos tribunais para os quais tive de apelar. Fles, por vingança, fizeram-me condenar por os ter agredido. E estes três processos, apesar da justiça norte-americana ter o ritmo da vida moderna, sempre atrasaram três meses a minha partida.

Os pais escutavam-no com enlêvo, sem ousar interromper o filho por quem tinham um secreto orgulho. Festejavam o seu regresso com um jantar que fizera reunir, em torno da mesa, os membros da família, incluindo até os que estavam desavindos e todas as pessoas das suas relações. Era domingo de Páscoa, o domingo de Páscoa mais alegre que viviam depois que o filho partira. Uma única preocupação atenuava um pouco sua grande alegria. O filho teria desejo de voltar novamente para a América? Este, talvez adivinhando a ansiedade de seus pais, acabou por os tranquilizar:

— Disse quando parti, que regressaria para constituir família. E venho na disposição de cumprir a minha palavra. O mundo para mim morreu ou antes, ficará sendo a minha casa, o lar que pretendo constituir.

Seu pai ergueu-se da mesa e foi abraçá-lo comovido. O filho, para evitar efusões de ternura, por uma timidez estranha, mudou o rumo à conversação, formulando, sem interesse, a primeira banal pergunta que lhe ocorreu:

— De quem são estas amendoas?

— Mandou-mas hoje o marido da Henriqueta.

— A Henriqueta... casou? — inquiriu, com visível emoção.

E, perante a resposta afirmativa da mãe, balbuciou:

— Estas amendoas...

— São boas, não é verdade?

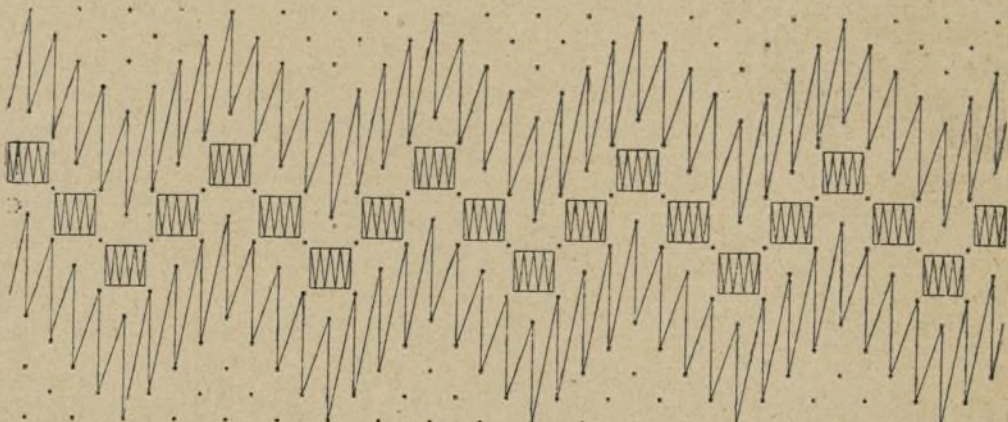
— Amargas, muito amargas, proferiu ele, muito pálido, com as lágrimas, brotando-lhe dos olhos, nervosas e irreprimíveis...

HELENA DE GUSMÃO.

* *

(Modêlo a que se refere a nossa página de bordados)

(No próximo número publicaremos os restantes modêlos a que se refere a nossa página 6).



N.º 2

(Modêlo a que se refere a nossa página de bordados)

* *

* *

ECOS E COMENTARIOS

EXAGERO DESPORTIVO

A mulher moderna é, lá fora, a mulher essencialmente desportiva. Joga o «tennis», o «foot-ball», o «basket-ball», faz natação, corridas pedestres de velocidade e resistência, ciclismo e ousa mesmo o difícil e fatigante «cross-country».

Há, porém, nessa ascensão da mulher para o desporto, um certo exagêro, aliás natural, que está causando sérias preocupações e provocando severas críticas.

Os que protestam contra êsse exagêro alegam, e com certa razão, que o desporto não deve inimizar-se com a estética.

Ultimamente, numa corrida de bicicletas, feita em dia chuvoso e feio, as mulheres que nela tomaram parte, suando e tressuando, devido ao excessivo esforço dispendido, ofereciam um espectáculo deplorável.

O crême do rosto, misturado com o pó de arroz e com o «rouge» dos lábios, dava-lhes uma máscara de sofrimento, duma fealdade grotesca, ainda agravada pela «rimmel», que lhes fazia brotar dos olhos lágrimas duma absoluta negridão.

Se houvesse muitas exhibições como esta, o desporto feminino teria, dentro em pouco, a sua sepultura aberta.

* *

A PINTURA... SEM PINCEL

Não se concebe facilmente a existência dum pintor sem paleta e sem pincel.

Pois mademoiselle Kweivei Dun, uma joven chinesa, que acaba de ser nomeada professora de desenho e pintura na Universidade de Washington, tem a grande originalidade de dispensar o pincel, substituindo-o pelos dedos e pelas unhas.

Segundo parece, esta bizarra maneira de pintar foi muito usada, há séculos, na Mongólia.

* *

O BAILADO E A VIRTUDE

As «girls», que trabalham no «Moulin Rouge» e noutros «music-halls» parisienses, são bastante assediadas por uns sujeitos muito graves que quasi as não deixam respirar, nos raros momentos em que, fora dos ensaios e antes do espectáculo, podem repousar ou cavaquear despreocupadamente.

Admiradores persistentes — dirão as leitoras, pensando nêsses sujeitos de grave aspecto que rodeiam as bailarinas inglesas. Trata-se, porém,

* *

* *

O PEQUENO MARCOS

Uma das mais encantadoras personagens do extraordinário filme de arte apresentado no Politeama há dias com enorme êxito, é o pequeno Marcos, um pobre coixinho o qual, tendo sido curado miraculosamente por Jesus, se tornou um dos mais fervorosos adeptos e amigos de «O Rei dos Reis».

É uma figurita alegre, viva, cheia de bondade e animada por uma fé ardorosa, uma fé sem limites...



Ayuntamiento de Madrid



iança naquele rapaz, capaz de todos os cometimentos audaciosos e de realizar todos os planos que a sua imaginação fogosa concebia.

Namorava quasi desde criança uma rapariga cuja família era intima da de seus pais. Nem ela teve o condão de o fazer desistir do seu propósito.

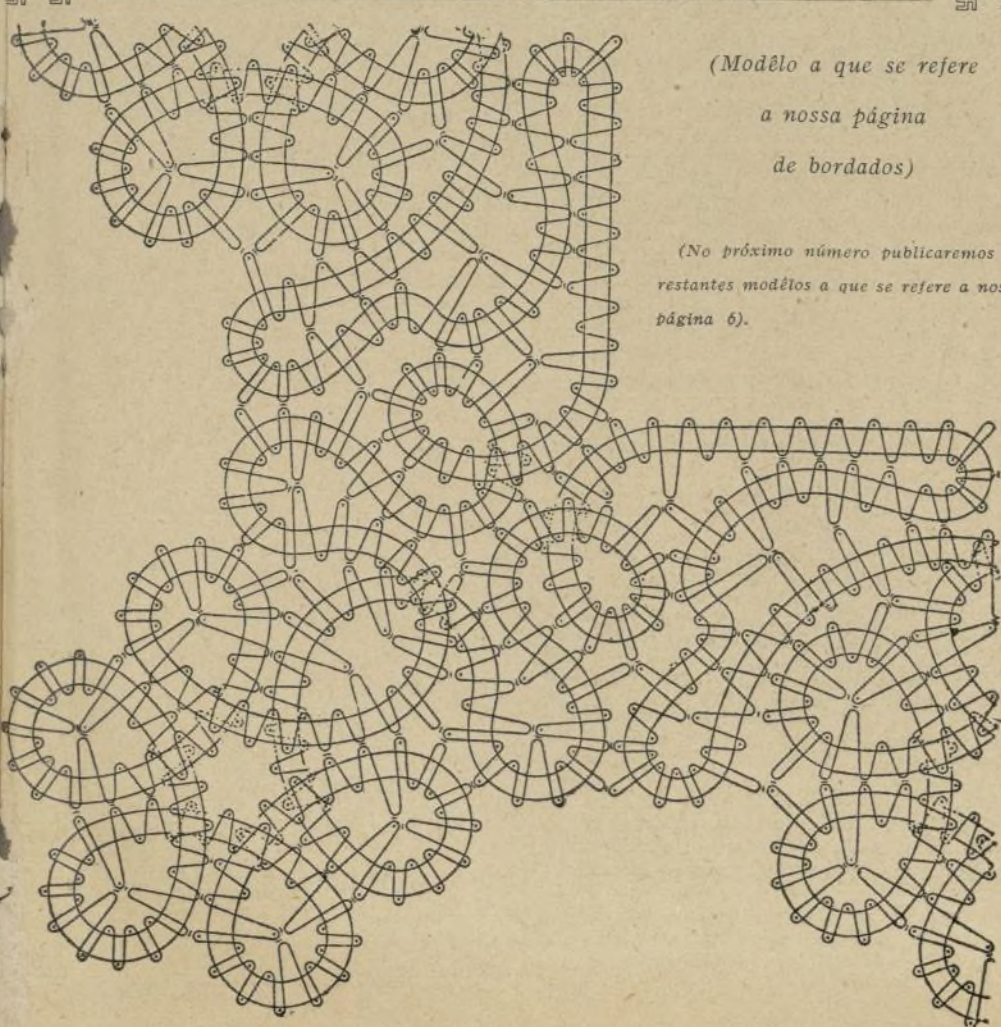
— Casaremos no meu regresso — replicou elle abraçando-a bruscamente e apertando-lhe as mãos com tal força, que a magoou. E poucas palavras trocou com ela. Partiu uma manhã para a França e durante muito tempo deixou sua família sem noticias. Na primeira carta que escreveu à sua noiva contava-lhe este modo lacónico o seu viver:

«Desculpa ter demorado seis meses em dar noticias minhas. Durante os primeiros três dias tinha a contar-te e nos últimos estava um tão más circunstantias que precisava para os cigarros o dinheiro que gastaria nas estampilhas. Melhorei um pouco e sigo para a Alemanha.»

E vieram, com intervalos dum mês cartas datadas de vários países; uma delas, encreçada da Austria, contava nalgumas frases a existência pitoresca e acidentada:

«Descobri, desde que estou no estrangeiro, a minha décima primeira profissão. Sou artista de variedades. Calcula que inventei os retratos

* *



O INCOMPREENDIDO

Minha querida amiga:

Por mais estranho que te pareça, afirmo-te perentoriamente que me felicito cada vez com maior entusiasmo por não ter nascido uma mulher genial. Nada mais desagradável do que ser-se excepcionalmente talentosa. As pessoas muito inteligentes estão condenadas a não ser compreendidas pelo resto da humanidade.

Não devia ser assim, não te parece? A inteligência de uma pessoa devia afirmar-se precisamente por se saber fazer entender. Mas não. Em matéria de clareza de expressão, os mediocres ou os estúpidos levam a palma aos homens de génio. É caso para se dizer, como certo ricoço boçal que enriqueceu em África a comprar por dez ao branco para vender por cem ao preto: «Afinal, estes homens que escrevem versos e romances muito bonitos, são pessoas inteligentes, é certo. Mas além de falarem de maneira que ninguém os entende, nem sequer mostram habilidade para ganhar dinheiro.»

Acredita, boa Eugénia, que o ricoço, sendo estúpido, não deixava de ter uma certa razão, porque o dinheiro — perdoa a heresia — é a vida. Se não fosse por vergonha de que me tomassem por tão néscia como ele, preferiria as suas opiniões. Neste mundo, cre, não vale a pena ter génio. Os génios, salvo raras excepções, estão condenados à incompreensão. E não ser compreendido é viver isolado. Não creio que o isolamento seja maneira decente, elegante, humana de viver.

Nota ainda mais este pormenor, querida amiga: os génios raras vezes se compreendem entre si. Combinam uns com os outros, defendem, cada um, teorias complicadíssimas que mais tarde, extinto o incêndio da luta, examinando-se o rescaldo fumegante, se verifica serem parecidas umas com as outras. Mas pensando a mesma coisa, em regra, os génios degladiam-se, odeiam-se, insultam-se para, afinal, estar de acordo. Chegam a fazer questão por causa de uma vírgula. Como são imaginosos, não hesitam em asseverar que de uma simples vírgula, sinal minúsculo e insignificante — pequenino e perigoso como um micróbio — pode depender a sorte da humanidade.

Pois entre as pessoas ignorantes e estúpidas não há questões de vírgulas. As suas questões, quando surgem, são originadas em motivos sérios, importantes. Os estúpidos, a despeito da sua boçalidade, compreendem-se melhor entre si do que os homens inteligentes.

Depois a inteligência é uma enfermidade. O inteligente sofre, sofre tanto mais quanto mais inteligente for. Sofre, principalmente, porque, visionando belezas inacessíveis, não pode fazê-las ver aos outros. O génio aponta vagamente para o horizonte e pergunta ao néscio:

— Não vês além daquele lindo castelo dourado?

O néscio olha e vê apenas uma nuvem ameaçando chuva. E por mais que o outro, iluminado, visionário, o queira obrigar a ver um castelo, o parvo vê sempre uma nuvem, uma nuvem de má catadura, perigosa, medonha.

O génio então resigna-se a esperar que, por uma natural evolução psíquica, o néscio um dia tenha, como ele, necessidade de ver um castelo onde primitivamente via uma nuvem.

Vinha este arrazoado, boa Eugénia, a propósito de quê? Ah, já sei: de Henrique Ibsen, esse cujo centenário se celebrou há dias em todo o mundo culto.

Pois Ibsen foi um dramaturgo norueguês, de grande talento, de génio, que a Noruega, qual néscio da historieta que fantasiei, teimou durante muito tempo em não compreender. Ele escrevia peças como *A casa de boneca*, *O pato bravo*, *Os espectros*, *O inimigo do Povo*, e a Noruega, teimosa, pateava-as sem dó nem piedade e foi um dos maiores defensores da emandade. Tocou na sua obra vastíssima quasi todos os grandes problemas da consciência humana: a mulher. Pois até as próprias mulheres norueguesas o olhavam com desdém! Ele queria a mulher livre, consciente, senhora dos seus actos — e as norueguesas tapavam os ouvidos para não o escutar. E se o escutavam, não o compreendiam. Ibsen foi até quasi ao fim da sua vida um incompreendido, portanto, um sofredor.

Mas, enquanto os seus conterrâneos o desprezavam, os estrangeiros acarinhavam-no, consagravam-no. Até que um dia chegou, querida amiga, em que os noruegueses se envergonharam de não o compreender. E como o seu génio, que eles não compreendiam, honrava a Noruega, fizeram-lhe apoteoses, ergueram-no então tanto mais alto, quanto mais baixo o haviam relegado.

Só agora, vinte e dois anos depois da sua morte, a Noruega, o atingiu, o compreendeu plenamente, aplicando à vida teorias que ele entrevira genialmente. Os noruegueses vêm agora nitidamente na nuvem téntrica que fora em tempos o pensamento ibseniano — o castelo dourado, o lindo castelo dourado do ideal — o ideal que é para a humanidade, através dos tempos, o que a bússola é para os navegantes, através dos mares tormentosos.

Cumprimentos a teu marido e desculpa a dissertação filosófica da tua

JOSEFINA.

HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA
A PRINCESA BRANCA-DE-NEVE

ERA uma vez uma rainha que tinha uma filha cuja pele era mais branca do que a neve: as faces pareciam duas rosas e os longos, compridos cabelos da linda menina eram tão negros como o ébano. Chamava-se a princesinha Branca-de-Neve.

Um dia a boa rainha morreu. O pai da princesinha bem depressa se consolou, da sua viuvez



e casou, outra vez, com uma criatura que tinha um espelho mágico ao qual, de tempos a tempos, perguntava:

— Meu espelho mágico, diz-me lá: qual é, de todas as mulheres do mundo, a mais bonita!

E o espelho respondia sempre:

— És tu, rainha! Tu és a mais linda de todas as mulheres do mundo!

Mas, Branca-de-Neve foi crescendo e cada vez se fazia mais linda. E quando, um dia, a rainha sua madrasta, se dirigia ao seu espelho mágico a perguntar qual era a mulher mais linda do mundo, o espelho respondeu-lhe:

— Tu, Rainha, poderás ser linda... Mas Branca-de-Neve é muitíssimo mais formosa do que tu!

A Rainha, ao ouvir isto, ficou fúria de raiva e de inveja. Chamou um dos criados e disse:

— Leva já daqui para fora Branca-de-Neve! E já! Leva-a para a floresta e deixa-a lá ficar, mas de maneira que eu nunca mais lhe torne a pôr a vista em cima!

O criado foi buscar a pobre princesa, mas o coração encheu-se-lhe de pena quando Branca-de-Neve lhe pediu, com as lágrimas nos olhos, que não a matasse!... O criado levou-a para a floresta porque não tinha coragem para desobedecer à Rainha, e depois de beijar a mão da pobre menina, abandonou-a lá.

Então, a desventurada princesinha, poz-se a caminhar pela floresta. Coitadinha: como ela ia cheia de medo!... A noite, Branca-de-Neve chegou a uma linda casinha: estava posta a mesa e, sobre esta, havia sete pãesinhos doces. Encostadas à parede havia sete caminhas.

Branca-de-Neve, como se sentisse com fome, partiu um bocadinho de cada um dos pães e



comeu. Depois experimentou cada uma das sete caminhas até que adormeceu na sétima.

Dali a pouco chegavam os donos da casa, que eram sete anõesinhos. Quando viram adormecida Branca-de-Neve, ficaram contentíssimos e, levando cada um deles um dedo à boca, fizeram sinal uns aos outros para não haver barulho, tomando todo o cuidado para que a linda princesinha não acordasse.

De manhã, Branca-de-Neve acordou, e os anõesinhos, muito contentes da sua vida, rodearam-na e encheram-na de mimos. Branca-de-Neve poz-se então a contar tudo quanto lhe tinha acontecido. Os anõesinhos ficaram todos com imensa pena da pobre menina e prometeram-lhe que haviam de fazer por ela tudo, tudo quanto pudessem fazer.

Nesse mesmo dia a madrasta de Branca-de-Neve, dirigiu-se ao seu espelho mágico e tornou-lhe a perguntar:

— Meu espelho mágico: diz-me lá qual é, de todas as mulheres do mundo, a mais bonita?

E vai o espelho respondeu:

— Lá aonde os sete anõesinhos teem a sua casinha, aí se escondeu Branca-de-Neve... E a princesinha é muito, muito mais formosa do que tu!...

Então a Rainha compreendeu que o criado a tinha enganado e não matara Branca-de-Neve.

E, cheia de raiva e de inveja, pegou em si,

vestiu-se de vendedeira e foi até ao ponto da floresta aonde os anõesinhos moravam. Ao chegar lá poz-se a apregoar:

— Quem merca, quem merca as lindas coisas que eu aqui trago? É bom e barato! É bom e barato!...

Branca-de-Neve tirou a tranca da porta e saiu cá fora.

— Oh minha menina! — disse aquela má mulher — como as fitas do seu vestido estão mal atadas! Deixe-me pôr-lhe um laço com uma destas minhas fitas!

E, agarrando Branca-de-Neve, passou-lhe um laço em redor das costas, apertando tanto que a pobre menina perdeu a respiração e caiu como morta. Depois a Rainha fugiu para o palácio a sete pés.

Dali a pouco voltaram os anõesinhos e escusado será dizer como eles ficaram quando viram Branca-de-Neve caída por terra!... Mas, conhecendo que tudo aquilo era por causa do laço que tanto a apertava, cortaram logo a toda a pressa a fita e, dali a bocadinho, Branca-de-Neve, coitadinha, já respirava.

A Rainha, como já lhes contei, voltou para o palácio e foi logo buscar o espelho mágico e fez-lhe a pergunta do costume. Mas ficou muito admirada quando ele lhe deu a mesma resposta. E então vestiu-se de novo com um outro fato de disfarce e meteu na algebeira um pente envenenado. Poz-se outra vez a caminho e quando chegou à casa dos anõesinhos o pente era tão lindo que nem os meninos podiam calcular. Branca-de-Neve ficou encantada com ele e quiz experimentá-lo mas, mal o tinha colocado nos



seus lindos cabelos, caiu logo sem sentidos. Os anõesinhos, ouvindo a menina cair por terra, vieram logo a correr cá fora, arrancaram o pente dos cabelos da linda princesa e esta tornou logo a voltar a si.

Entretanto a Rainha chegava outra vez ao palácio e ao dirigir-se ao espelho recebeu d'este a mesma resposta. Então pegou numa maçã, encheu-a de veneno, vestiu-se de aldeã e foi de novo à casinha dos anões. Bateu à porta, mas Branca-de-Neve disse:

— Não: não deixarei entrar ninguém cá dentro porque os anões disseram-me que o não fizesse.

— Pois sim, minha menina, está bem... Mas pegue nesta linda maçã! Ande! A menina comerá metade e eu outra metade.

Ora a maçã tinha sido preparada de forma que só metade estava envenenada. E Branca-de-Neve, como visse a tal mulher — a Rainha, já se vê! — comer metade da maçã, não se conteve e aceitou a outra metade que a madrasta lhe oferecia. Porém, mal tinha levado à boca o pedaço de maçã caiu logo por terra. E quando os anõesinhos voltaram a casa, viram Branca-de-Neve tão pálida e tão fria que logo a deram como verdadeiramente morta.

Fizeram então um caixão de gelo e um dos anões, sentando-se-lhe ao lado, poz-se à espreita. Dali a bocadinho apareceu um Príncipe e pediu aos anões que lhe deixassem levar o caixão. Os anões puzeram-se a pensar, a pensar e depois resolveram dar o caixão ao Príncipe. Mal, porém, o Príncipe havia pegado na metade da maçã que Branca-de-Neve tinha deixado cair



da sua linda boquilha, a princesa acordou, ficando como se nada tivesse acontecido. E Branca-de-Neve e o Príncipe casaram, foram muito felizes e viveram muitos, muitos anos.

A Rainha, sua madrasta, essa é que, ao saber do que se tinha passado, ficou doída de raiva e tão desesperada, tão desesperada, que caiu doente e morreu. Foi a paga de ser tão má!...

OS CONCURSOS DA
VOGA
AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTESCONCURSO DA BELEZA
INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que *Voga*, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assinantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assinantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSINANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscrevam como nossos assinantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos. As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 10 do próximo mês de Abril, findo o qual nenhuma será admitida. Um júri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 15 de Abril, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assinantes se pronunciem acerca de 4 dos retratados, votando naquelas que se lhes afigurem os mais belos. O resultado da votação será inserto no número da *Voga* que sai a 29 de Abril.

OS PRÊMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.d.a, bem como todos os que se publicarem do mesmo género e os quais serão enviados à mãe do 1.º premiado até que este prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.d.a e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA
E ARTES DECORATIVAS

a abrir em 15 de Maio.

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em ver, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados? Que todas, pois, concorram ao

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL
ABERTO NA
SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHERFARINHA
LACTEA
NESTLÉ

Reconhecida como o melhor alimento para crianças.

Evita todo o perigo no desmamar.

Pedir amostras à

NESTLÉ & ANGLO-SWISS
CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11 a 13

LISBOA

ESTES coletes, tão simples e elegantes, que no verão passado fizeram a grande moda que este ano se prolonga com alegria de nós todas, são um lindo complemento de vestuário.

Pode este género de casacos sem mangas ser feito em crêpe da China ou «Georgette» para vestidos de passeio, como também pode ser feito em sarja branca bordada a lã em vários tons, para se usar em casa e para praia ou campo.

Haverá alguma coisa mais fresca, mais encantadora e primaveril do que este nosso mo-

PARA OS BÉBÉS DAS NOSSAS LEITORAS

COLETE BORDADO A LÃ

dêlo bordado com rosas e miosotis? O seu conjunto é delicioso. O fundo claro do colete recebe harmoniosamente todas as cores fortes e variadas, fazendo um delicioso conjunto.

Este colete pode ser executado em branco

Para este colete, feito em branco e bordado com as cores que indicarei, ficará muito bem para o colete não resultar demasiado fantasista e gritante de cor.

uma saia branca, plissada ou pregueada, e uma

sobrepor como mostra a gravura para lhes dar o relevo necessário. Os miosotis são feitos com ponto de cadeia em lã azul tendo no centro um nó amarelo que forma o olho da flor. As folhas são feitas em verde escuro, formadas por alinhavos e contornadas com ponte pé de flor assim como as hastes.

Como se pode prever pelo conjunto, delicioso de tons e desenhos, este colete é uma maravilha de graça e leveza, muito próprio para os meses primaveris que se vão seguir, deslumbrantes de sol, flores e alegria.

SILIANA.



CULINARIA

OSTRAS AO GRATIN NA CASCA

Pica-se uma cebola e põe-se ao lume com um pouco de azeite até alourar; depois, deitam-se dentro da caçarola as ostras sem água e deixam-se refogar um bocadinho. Contam-se cerca de seis ostras para rechear cada casca. Molha-se em leite, em caldo ou na água das ostras, miolo de pão, que se deita na vasilha que está ao lume, com queijo parmeizão, pimenta, nós moscada, manteiga e salsa picada. Quando ferve, tira-se do lume, e, sendo para 6 cascas, juntam-se três gemas de ovos, o sumo dum limão, e leva-se de novo a lume brando, mexendo sempre para não deixar talhar as gemas.

Untam-se as cascas das ostras com manteiga, enche-se com a massa que se doura com gema d'ovo, polvilhando-a depois com pão ralado e queijo também ralado e deitando-lhe salsa picada.

Levam-se em seguida as cascas cheias ao forno, até alourar a crosta, podendo, colocar-se num taboleiro com areia fina para não tombar.

Em vez das cascas de ostras, podem empregar-se tigelinhas de porcelana ou aluminite, próprias para irem ao forno.

OVOS EM OMOLETE COM CAMARÕES RUBROS

Depois de cosidos os camarões rubros, dos grandes, descasquem-se, limpem-se da tripa escura que corre ao longo do dorso e pizem-se-lhe perfeitamente em almofariz as cabeças e as crostas, reservando o resto dos camarões.

A massa obtida no almofariz leva-se a lume brando com bastante manteiga e deixa-se coser durante uns vinte minutos; em seguida, acrescenta-se esta mistura com uma porção grande de nata e coa-se.

Batem-se os ovos para a omolette, temperam-se com salsa, pimenta, misturam-se com um pouco do polme coado e com os corpos dos camarões e faz-se a omolette como é costume. A parte restante do polme, leva-se ao lume com um pouco de farinha para cozer e engrossar ficando um esplêndido molho róseo com que se rega a omolette na ocasião de se servir.

PUDIM DE FRANGO À FRANCESA

Tomem-se dois frangos depenados e limpos de vísceras. Desossam-se, limpam-se de peles e de aponevroses e pisam-se num almofariz juntamente com os figados. Prepare-se uma papa de miolo de pão com leite e nata e juntem-se a esta mistura quatro gemas de ovos, uns dentes de chalota picados finamente, sal e pimenta e pise-se tudo por algum tempo. Depois acrescentam-se as claras dos ovos batidas em castelo e deita-se numa pudineira de banho Maria bem untada com manteiga e põe-se o banho Maria ao lume até que o pudim esteja cosido, o que se conhece, quando se introduz um palito na massa e êle vem enxuto.

Serve-se este pudim com molho de assado em que se coze um pouco de tapioca.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

cinzento muito claro, pode conservar-se as mesmas cores, pois deve combinar com a saia que se vestir. Se se mudar o branco para bege ou



mas cores nos bordados; sendo um tom mais garrido deve-se combinar as cores muito bem empregando-as de preferência muito discretas

blusa num tom vivo, que deve ser o que predomina nas cores do bordado. Também fica muito bem se se tiver posto um vestido todo branco.

Publicamos, juntamente com o modelo, o desenho do bordado, em tamanho natural, e que enfeita a parte inferior.

O outro é mais reduzido, mas é feito com as mesmas rosas, folhas e miosotis, podendo então a leitora executá-lo, como se vê no modelo, com os motivos dados em tamanho natural. Por absoluta falta de espaço não podemos publicar o outro motivo. Este bordado é executado da mesma maneira que todos os bordados em lã. Simples alinhavos, ponto de cadeia e ponto pé de flor. As cores são distribuídas da seguinte maneira:

Para as rosas, escolhem-se três tons da cor rosa, que se distribuem pelas quatro flores matizando-as. Escolhe-se a cor de rosa mais viva para a parte central, o tom a seguir para as pétalas mais pequenas da flor e o mais claro para as pétalas grandes, soltas. Começa-se a bordar as rosas pela parte central feita com o tom mais escuro.

Os alinhavos que formam as rosas devem-se

CURIOSIDADES

MOHAMMED E A HIGIENE

MOHAMMED foi, sem dúvida, o maior higienista de que resa a história antiga.

Todos os seus escritos afirmam que a maioria das doenças crônicas provêm do mau funcionamento do estômago e dos intestinos. Todo o segredo para manter a nossa saúde num estado geral absolutamente perfeito resume-se assim em procurar conservar estes órgãos interiores tão lavados como a própria pele.

A fim de que todos os seus crentes pudessem para sempre gosar de uma excelente saúde, Mohammed deixou prescrito que Allah ordena que se bebam um ou dois copos de água todos os dias em jejum.

Sem sombra de blasfêmia, estamos certos de que se algumas das nossas estâncias de água mineral já existissem no tempo do Profeta do Alcorão, este não deixaria também de indicar os nomes das nascentes e o preço dos alojamentos com ou sem pensão...

A CRUZADA CONTRA O BEIJO

GANHOU, grande incremento, na América, a campanha contra... o beijo. Pretende-se bani-lo, a todo o transe, acusando-o de anti-higiênico! Não se nos afigura, contudo, que esta campanha esteja destinada a triunfar; todos os dias, milhões de lábios, na América, protestam contra ela, por meio desta arma terna, amorosa, fulminante — o beijo.

Contudo, a Sardenha vai mais longe do que a América, considerando o beijo como um grave ultraje aos costumes. Recentemente, os tribunais de Roma confirmaram uma sentença que condenou severamente um rapaz, por este ter beijado uma rapariga perto do adro duma igreja sarda.

Pobre Romeu, pobre Julieta! Se os seus amores, os amores que os imortalisaram se tivessem desenrolado em plena Sardenha ter-se-iam arriscado ao aviltante perigo dum julgamento vulgar de polícia correcional!

A INFLUÊNCIA DO CANTO NA CULINARIA

UM escritor inglês, que é também um afamado gastrônomo, fez, numa das suas viagens, à América, esta observação original:

«Cozinha aonde se não canta, torna-se insípida; ora as cozinheiras da América do Norte preparam os pratos quasi em silêncio...»

Este escritor-gastrônomo apreciava, ao que parece, duma maneira medíocre, a cozinha americana. Conclue-se, portanto, da sua bizarra observação, que a qualidade dos pratos depende do bom humor das cozinheiras e que as canções alegres têm, no sabor das virtualhas, uma influência tão decisiva como a do sal. Exagerando um pouco as suas opiniões, teríamos de partir do princípio de que uma boa cantora daria, inevitavelmente, uma genial cozinheira. E, sem intenção maliciosa, acrescentaremos que certas cantoras dão-nos realmente a impressão de que poderiam vir a ser as fadas protectoras de muitos gastrónomos impenitentes.

O AFGANISTÃO CONTRA O CHAPÉU ALTO

O rei Amanullah do Afeganistão apresentou-se recentemente, em público, de jaquetão e chapéu alto, o que indignou, de tal modo, os lentes das Universidades d'El Azhar que estes resolveram não lhe conceder uma distinção universitária que lhe haviam prometido.

Foi em vão que o rei Amanullah explicou que o chapéu alto se usou durante séculos no seu país e que foram os povos ocidentais que, mais tarde, o puzeram em moda.

Se o chapéu alto existiu durante séculos naquele país, o seu uso na Europa data duma época relativamente recente. Foi em 17 de Janeiro de 1797 que o chapéu alto apareceu pela

primeira vez na cabeça de John Hetherington, merceiro londrino. A sua presença na loja com esse chapéu provocou um grande êxito de curiosidade que terminou duma maneira desgraçada: o merceiro foi parar a uma esquadra de polícia e depois ao tribunal onde o condenaram com a alegação de que andava mascarado fora do Carnaval.

Quem havia de dizer aos juizes que esse chapéu que se lhes afigurou tão ridículo e tão contrário dos bons costumes, havia de ser, mais tarde, adoptado por todos os elegantes?

O martirologio do chapéu alto que começou por um merceiro acabou num rei. Não se pode dizer que acaba mal...

ELA olha, inquieta, para a janela, donde, sem dúvida, os olhos cinzentos nos espiam:

— Mudança nenhuma... Mas sinto o perigo iminente, e dia a dia mais próximo da minha cabeça. Meu amigo, poupe-me!

Súbita emoção me penetra. Não respondo. Beijo a mão que ela me estende e desço a escada. O café está acostado ao fundo dos degraus.

— Adeus... até quando?

— Espere! há uma coisa... uma coisa que preciso dizer-lhe...

— Dour! — grito aos caikdjis, que obdecem e param. Lady Falkland muda de parecer, e com um gesto da mão:

— Não!... Impossível. Impossível aqui. Estava doida! Mais tarde lhe direi. Prometo-lhe que lhe hei de dizer... Tornaremos a ver-nos em Stambul. Escrevo. Espere carta minha. Adeus...

XXVIII

— Stambul iok, Osman: para Beicos. Não, não voltarei hoje a Stambul. Esta escaramuça contra a escocesa fustigou-me o sangue, e sinto-me precisamente no estado de espírito que eu desejava. Quero dormir esta noite na minha casa turca de Beicos. Um capricho...

Capricho sentimental: aquela velha Arménia de tão correcto e decente aspecto, trouxe-me esta manhã outra carta escrita em papel com renda de ouro. E sei que hoje a minha ingénua-sinha turca está só em casa — sósinha: a mãe em Stambul e o pai não sei onde... Toda a tarde deve ter estado a espreitar-me do seu shahnichir; e com tanto que o meu caïque chegue antes da noite e ela o reconheça, tudo irá bem. Entrarei primeiro em minha casa e esperarei que anoiteça completamente. Depois, sairei pela porta trazeira, sem ruído, e bastar-me há saltar um muro de jardim, muro muito baixo. Nada mais. No jardim estará alguém... Uma donzeli-

AS SENHORAS CHICS

residentes nas Avenidas Novas devem preferir, para o corte de cabelo da ultima moda, o gabinete luxuoso do SALÃO ARTE NOVA, Avenida Miguel Bombarda, 72, onde serão atendidas por um artista especializado em cortes de ::::: cabelo a senhoras e crianças :::::

nhela velada, com o coração em alvoroçado latejo... Que espera de mim, afinal, aquela criança, tentada talvez pelo meu dolman azul celeste e por esta misteriosa atracção que o Estrangeiro, o Exótico exerce sempre, irresistivelmente, na cabeça e no coração das mulheres? Nada me surpreenderia que a entrevista redundasse num simples colóquio absolutamente casto...

Dóze horas à turca. O sol acaba de desaparecer. Vamos chegar. Estaremos antes da noite debaixo do shahnichir... O céu é de ouro vermelho, as colinas de ametista; o mar exala uma névoa diáfana que amacia os contornos e irisa as gradações da cor; o ar puro, quasi tão morno como de verão, inebria... Os caikdjis remam espaçadamente, com grandes remadas... Ah! lady Falkland, que além está prisioneira, sob a vigilância odiosa da sua rival, anseia talvez por encontrar-se aqui, no meu caïque livre no meio do largo Bósforo... E eu gostaria de, neste momento, apertar, entre as minhas, a sua mãozinha de seda... Um sussurro imprevisito passa ao alto — um bando de alcões voando céleres, mal se deixando entrever no lusco-fusco...

Beicos. Chegámos. Espessas cortinas velam o shahnichir. Espreita, não espereita? Está distraída, talvez. Basta um segundo de distracção... Mas, à minha ordem, o velho Osman canta uma destas baladas turcas de que eu gosto, porque riem e choram ao mesmo tempo, em cada uma das suas estâncias. É como que uma trombeta anunciadora...

Encontro a minha casa tal como a deixei. Cinco semanas de ausência não é muito... Sento-me. Parece-me voltar de um passeio, não muito longo. Estou em minha casa. Na rua de Brus-



O HOMEM Claude Farrère

QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

sa não tenho esta sensação de estar em minha casa. Em Pêra sou estrangeiro. Oh! preciso de alugar uma casa turca, igual a esta, em Stambul, para o inverno... Os tapetes de Mehmed paxá que, claro está, aqui deixei, — que figura fariam na rua de Brussa, numa casa perota, estes tapetes de paxá e de Crente? — os tapetes de Mehmed paxá são muito mais belos que os que me vendeu o senhor Carazoff. Quando eu tiver uma casa turca em Stambul, porei aí os tapetes de Mehmed paxá. E lá não estarão expatriados, porque a casa será turca...

Vão-se iluminando, uma a uma, as janelas da riba da Europa. A noite adensa-se...

Um harém. Não tarda que eu vá entrar num harém; e a aventura será muito menos perigosa do que eu jámais poderia supor. Tanto pior! A acreditar em todos os diplomatas e financeiros de Constantinopla, o amor de uma mulher turca seria impossível. «Hein? que me diz? Não

pense nisso, meu caro. Um frank, amante de uma Turca? é rematada loucura... A história de Aziyadé? fábula, gabarolice! Ora reflita: nós, Europeus estabelecidos em Constantinopla, que não estamos de passagem, temos porventura amantes turcas? — Pudera! eles fogem de Stambul e da Ásia; enclausuram-se em Pêra, donde nunca saem; vivem fechados uns com os outros; e a verdadeira Turquia é-lhes mais desconhecida do que me era a mim, antes de eu sair de França. Um primeiro drogomano de embaixada, cidadão de Constantinopla há mais de vinte e cinco anos, afirmava-me com admirável candura que depois do pôr do sol nenhuma casa de Stambul podia ter luz em janelas que dessem para a rua! afirmava-me isto a mim, que quatro vezes por semana, ao bater da meia-noite, vou tomar o meu café perfumado de âmbar diante da mesquita de Mahmud paxá, que é no coração de Stambul. Há ali uns gran-

des plátanos donde pendem lanternas de grande luminosidade; e uns duzentos velhos Turcos estão lá a fumar os seus narghilés, sem lhes importar o tardio da hora. Ingénuos habitantes de Pêra! ouvi o que vos digo! daqui a bocado, eu, mero transeunte sobre o vosso solo, estarei a sós, no seu haremlick, com melhor ou pior do que uma mulher turca! com uma jovem donzela, filha de um iman.

É noite densa por sobre as colinas da Europa.

— Pobre menina! É mal feito o que ela faz. Um descrente, um infiel, dentro do haremlick! Mas será culpa sua? Ela tem visto tantos infiéis na rua, em caïque, de carruagem, por toda a parte... E por toda a parte tem visto as suas mulheres — mulheres sem véu, sem pudor, sem haremlick — reverenciadas, a pesar de tudo, saudadas, respeitadas! Já não compreende nada, baralha todos os princípios. Onde está o bem, onde está o mal? Já não sabe... O Mehmed paxá! tu é que me explicaste isto bem...

Noite cerrada. Vamos, é a hora combinada. Não convém que uma jovem espere muito tempo num jardim nocturno, onde com certeza vagam fantasmas... Para a frente... Ainda assim, a expedição não se efectua sem algum perigo, tanto para o Frank como para a Turca. Um criado excessivamente fiel à lei do Coão, facilmente dá uma facada. E o perigo purifica tudo. Os meus caikdjis já dormem. Saio de casa sem eles darem por isso. O jardim, a porta — e eis a rua descampada, calçada de pedras redondas.

Nem um gato. Optimo! Silêncio de cemitério. Nenhum clarão suspeito, a não ser além, as três janelas luminosas de uma casa de madeira, desconhecida; mas nenhuma sombra inquietante na transparência das cortinas de linho. Ninguem. Completa segurança. E cá está o murozinho... Posso saltar quando quiser... Mas não, ainda não. Esta rua muçulmana, muda e misteriosa, esta casa isolada, com as altas cabeças

REVELAÇÃO DE SENSACÃO

As essencias de Nally contêm na sua composição, além de essencias absolutas que, pelo seu elevadissimo custo, só os grandes fabricantes empregam nos seus melhores perfumes, elementos quimicos cuja cotação de fabricante atinge, actualmente, a espantosa cifra de 240 contos **por cada quilo**, ou seja a bagatela de mais de 240\$000 **por cada grama**, em moeda portuguesa!! Esta afirmação é categorica e não receia desmentidos. Fique isto bem assente.

ESPECULAÇÕES...

Apesar da notavel especulação cambial das ultimas semanas, continuam os perfumes de NALLY a vender-se aos seus preços antigos. Tratando-se de produtos de tão alta categoria mantém-se o seu custo com consideravel sacrificio, e faz-se esta prevenção para evitar abusos.

PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE executam-se, com esmerada perfeição, em todos os modelos parisienses À Jour e caseados em roupas brancas

JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 1.º, E.
2.º quarteirão vindo do Rossio — LISBOA

dos ciprestes perfiladas ao redor, e a princeza velada que, na sombra, entre as rosas do jardim, espera que chegue o cavaleiro errante, de gibão azul... é uma página das *Mil e uma Noites* que eu vivo neste minuto; e quero demorar o minuto para saborear a página por mais tempo.

Oh! um ruído de cavalgada na extremidade da rua. Será o kalifa abbássida, de nome Harun, e Sua Alteza Gíafur seu vizir, e o eunuco negro que leva o broquel de prata, os três em ronda nocturna, velando pela boa ordem do Império? Retrocedo até ao muro do meu jardim, e espero. O ruído aproxima-se. Os cascos batem na calçada...

Ah! não; não é o Califa nem o vizir; apenas o rancho satisfeito dos burros da aldeia, que durante a noite se deixam em liberdade, e que andam pelas ruas sem cabresto nem albarda. Mas não deixa de ser interessante esta procissão de pequeno quadrúpedes cinzentos, trotando uns atrás dos outros... Passaram como os djins da canção. A rua novamente voltou ao silêncio. E o muro está ali, pouco mais alto do que eu...

Estranha cousa! absolutamente nenhuma febre; nem impaciência, nem desejo. Todavia, dentro de um minuto, uma pequena mão prenderá a minha, e eu seguirei a princeza velada; dentro de dois minutos, a princeza tirará o véu...

(Continúa)

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pôde ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.



Sabonetes "La Toja"

Experimente V. Ex. este maravilhoso sabonete. O unico que evita e cura as doenças da pele.

À venda nas boas casas.

Concessionários em Portugal:

Monteiro Guimarães, Filho, Lda. Porto

CE QUE FEMME VEUT
PERFUME DE
GELLE FRÈRES
PARIS



essencia
pó de arroz
loção
sabão de

Em Venda em todas as boas Casas
Agentes gerais: STETTEN & C. 115, Rua da Modinha 27 E, LISBOA

Grafologia

N.º 408 — Celia — 333. — Espírito independente, tenaz e paciente, procurando sempre manter as suas decisões em harmonia com as suas ideias decididas e inabaláveis.

É o grafismo de alguém que sabe impôr-se à simpatia dos que a rodeiam e evidenciar-se pela sua mentalidade disciplinada e coerente.

Em resumo, simplicidade e confiança fervorosa num futuro melhor.

N.º 409 — Daisy Mary — Did she? Well, let us see why... Daisy Mary is no doubt quick and ingenious with an easy and pleasant flow of speech, kind by nature but rather ambitious, fond of honour, occasionally fiery in temper and sometimes given to sports and exercises... Aspiring to rule, just slightly malicious (sorry!) straightforward and steadfast in opinion and purposes.

Her disposition is such that «friends» can have everything, but «others» nothing, and her faults are principally a certain excitability and love for sensation carefully controlled; also stubborn in some original ideas not always in agreement with some of those around her.

Such is perhaps the secret of her individuality.

N.º 410 — Miss Marty — Vontade orientada no aperfeiçoamento da sua aparência exterior. Impressionabilidade facilmente sugestível, intuição e actividade mental, manifestando-se numa sinceridade excessiva, até por vezes prejudicial.

Simplicidade de maneiras e atitudes numa naturalidade extremamente simpática.

Vontade maleável mas forte, tentando aparentar uma rigidez que francamente não possui.

Bondade e a fácil assimilação intelectual.

N.º 411 — Uma que não esquece o João — Dificuldade de expressão. Força de vontade somente desenvolvida por caprichos impulsivos em crises de entusiasmo, que em breve esmorecem.

Possui incontestavelmente um grande espírito de iniciativa e é verdadeiramente lamentável que a sua persistência não seja mais durável.

Toda a mulher elegante, o que equivale a dizer toda a leitora da VOGA, deve ter na sua pequena livraria de cabeceira a

BIBLIOTECA DAS NOIVAS

organizada por César de Frias. Cada livrinho, independente dos outros, trata dum assunto de grande interesse feminino e contém um curioso prefácio. — Estão à venda os três primeiros tomos:

O AMOR — A MULHER O LAR

O mais gentil dos brindes por ocasião de aniversários, casamentos, Natal, Páscoa, etc.

PREÇOS: Em brochura, cada tomo, 3\$00;
Encadernados em percalina, cada tomo, 7\$50, os três tomos num só volume, 15\$00; Encadernados em carneira, os três tomos num só volume, 20\$00.

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA



O seu Fogão de Pressão fará o serviço de 3 fogões — sem que por isso gaste mais petróleo — desde que lhe adapte uma TREMPE VACUUM que sómente custa

24 ESCUDOS

Peça hoje mesmo o nosso impresso ilustrado que lhe será enviado na volta do correio.

Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Tel. C. 3075 e nas suas Agencias

137

Trempe VACUUM



doura para que assim pudesse obter todos os resultados das suas decisões.

Pois não é verdade que o fruto só aparece bastante tempo depois da semente ter sido lançada à terra?

Há, pois, que saber esperar com paciência, procurando não desanimar nos esforços, a fim de que o efeito surja em seu tempo devido.

N.º 412 — Sergipe — Actividade indisciplinada, numa variabilidade de opiniões e desejos que a si próprio não consegue explicar.

Aprecia sobremaneira o método e harmonia gerais mas não consegue subordinar todos os seus gestos e pensamentos a essa faculdade.

Procura todavia manter uma única linha de conduta e consegue-o porque possui uma vontade forte e decidida.

Discreto, enérgico e... um quase nada desordeiro.

N.º 413 — Alberto — Lisboa — É o grafismo de alguém que sabe viver bem, não só consigo próprio, como também com todos aqueles que o rodeiam.

Todos os traços indicam excelentes qualidades, a prudência, a observação cuidada e metódica a revelar-se em manifestações de êxito na sua vida profissional.

Todos os defeitos resumem-se numa determinada dignidade, por vezes exagerada, a que

não é estranha também uma leve vaidade, muito pessoal e intangível.

N.º 414 — A. T. — Aveiro — Afectividade impressionável e sentimental, vibrando por vezes agitada em impulsos de paixão, aliás sempre bem encaminhados em harmonia com o dever e a boa consciência.

Vontade forte, inquebrável em gestos firmes e inabaláveis mas facilmente domados por uma sensibilidade extremamente latina e emocional.

Actividade mental, hábitos de leitura, critério e unidade de vistas e decisões.

N.º 415 — J. A. — Aveiro — Simplicidade de pensamentos, sabendo discernir os efeitos pelas causas, ainda que não se possa dizer, na posse de uma dilatada capacidade mental.

Nervosismo resultante de uma impressionabilidade mais física do que mental, manifestando-se numa grande mobilidade de atitudes e opiniões.

O seu maior defeito é talvez a «hesitação» por vezes acanhada e aparentemente humilde, com que tenta obter os seus desejos e que convém modificar chamando a si uma maior decisão e confiança nos seus próprios méritos e qualidades.

N.º 416 — Niobe — Lisboa — Aceito gostosamente a sugestão de V. Ex.ª mas já por várias vezes a Voga tem dedicado as suas colunas a interessantes artigos ilustrados sobre o sport.

O grafismo de V. Ex.ª revela-me uma grande actividade, física e espiritual, adicionada a uma extrema afectividade sincera e desinteressada.

Aparte uma parcela de orgulho muito pessoal, todos os seus traços revelam equilíbrio de faculdades e sequência de ideias.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da Voga, reendergar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa
Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



O REI DOS REIS

a bonecada dum colorido tão risível como o das figuras d'Épinal!... Porém, este *Rei dos Reis*, levado a uma esplêndida realização por Cecil B. de Mille, constitui a mais formosa, a mais artística e impressionante reconstituição da Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor. É uma autêntica maravilha cinematográfica. A fantasia a que Cecil B. de Mille, o *meilleur en scène* de mundial reputação, teve de recorrer, por vezes, para reconstituir certos passos e ocorrências, não prejudica a verdade dos Evangelhos e há cenas que são verdadeiros quadros dignos de museu, tamanhas são a beleza, a poesia e o encanto de que as rodearam. Os efeitos de luz constituem extraordinárias maravilhas, que diríamos impossíveis se porventura não as tivéssemos visto realizadas neste filme. As cenas passadas em casa de Maria Madalena e no sepulcro de Jesus representam um assombro de deslumbrante colorido, de luz e de riqueza... Sobretudo a do sepulcro...

Aí, Cecil B. de Mille foi extraordinário de poesia: a sua reconstituição do momento divino em que o Redentor sai do túmulo e aparece a Sua Mãe e a Maria de Magdala é assombrosa de colorido e de beleza. Nunca em cinema, pelo que respeita à Vida, Paixão e Morte de Jesus se viu coisa que, sequer de longe, se assemelhasse ao *Rei dos Reis*. E as cenas sucedem-se, todas elas impressionantes de evocação e de arte. A cura da cega é um assombro de efeitos de luz; a cura do lunático, o encontro de Maria de Magdala com Jesus, a expulsão dos vendilhões do Templo, a Ceia do Senhor — aonde um formosíssimo efeito de luz sobre o caliz nos evoca a poética visão do Santo Graal! — a reconstituição do pretório de Pôncio Pilatos, constituem verdadeiras obras primas da tela. Mas, a visão do terramoto que abalou a colina sobre a qual os judeus se haviam congregado para assistir à morte de Jesus, essa é simplesmente formidável. Os desabamentos de terras, de arvoredos, de rochas e penedos enormes, o precipitar de cachos e cachos de gente apavorada, o espectáculo de terras e céus em plena e tempestuosa revolta, assombram pela sua imponente e magestosa verdade...

Quanto às personagens, impossível seria exigir melhor. A figura de Jesus — duma tão esmagadora responsabilidade! — coube a H. B. Warner que a interpretou como ninguém; Judas, Pôncio Pilatos, Pedro, João, Marcos, Tiago, a Virgem, a céguinha, o lunático, Lázaro, Maria de Magdala, Caifás, são simplesmente extraordinários.

O Rei dos Reis é a mais formosa e maravilhosa reconstituição que se poderia imaginar.

P. M.

NUNCA em todo o mundo — e muito menos em Portugal — a Vida, Paixão e Morte de Jesus foram apresentadas com tamanho e tão impressionante poder de reconstituição... O miraculoso, o divino de que se rodeou a existência do maior amigo da Humanidade, conferem ao tema relatado nos Evangelhos características tão sobrenaturais de poesia e de beleza que, nenhuma das tentativas até há pouco feitas para reconstituir na scena muda a existência de Jesus lograra êxito: tudo quanto até então se produzira não lograva ir além de secas e despoetizadas cenas que ridiculamente comentavam as páginas dos quatro Evangelistas, muitas vezes reduzidas mesmo

